

AUTORES & LIVROS

18-7-1948
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 4
Vol. IX

NOTICIA SOBRE JOSE DE ANCHIETA

José de Anchieta nasceu em São Cristóvão da Laguna, Capital da ilha de Tenerife, em 19 de março de 1534. Era filho de João de Anchieta, de nobre família basca, e se aparentava com os Lóios.

Nascido em Urestilla, na Província basca, João de Anchieta foi fixar-se em Tenerife. Ali casou-se com D. Mencía Diaz de Clavijo Llarena, viúva do bachelar Nuno Núñez de Villavicencio, de quem tinha dois filhos. Era ele também de família nobre, e nascera no Grande Canári.

O casal teve dez filhos, dos quais José foi o terceiro. O chefe da família exerceu em Tenerife diversos cargos, falecendo entre os anos de 1553 e 54. D. Mencía Diaz faleceu depois do ano de 1584.

O pequeno José foi batizado, com 19 dias, na Igreja paroquial de N. S. dos Remédios, em sua cidade natal.

Faz os primeiros estudos em casa, e, em 1548, foi mandado para Colômbia, e lá se matriculou na Universidade. Acerca dessa sua viagem correm duas versões. Uma recolhida por Baltazar Anchieta diz que José viajou para Portugal em companhia de dois irmãos, que dali teriam passado para Flandres, a fim de servir na milícia real, morrendo sem descendência. A outra versão, proveniente de Pero Rodrigues, diz que Anchieta foi para Coimbra em companhia de um irmão mais velho, Antônio de Alcântara Machado, refutou-as ambas, mostrando como, logicamente, José, que era o filho varão mais velho de João de Anchieta, dificilmente poderia ter um irmão que o regulasse a Coimbra, para estudos, nos 9 ou aos 6 anos de idade.

Na Universidade, deuse José com ardor aos estudos de Dialetística, Filosofia e Letras. Diz-se que ali, diante de uma imagem de Nossa Senhora, na Sé da cidade, tez certo dia, voto de castidão perpétua.

Era a vocação mística que, com irresistível força, desbocava na alma do estudante.

Em 1 de maio de 1551, está ele no Colégio de Coimbra; ali encontra ainda vivos os influjos da presença de Nobrega, que havia apenas dois anos tinhado partido para o Brasil.

A esse tempo, seu estado de saúde não era bom. Já enfraquecido pelo excesso de estudos e pela intusidade das vigílias, tivera a desgraça de cair de uma escada, batendo violentemente nas costelas. Disso lhe ficou o hábito de andar sempre corcovado.

Como chegasse a Coimbra pedidos de missões

nárias para o Brasil, ficou resolvido que nova leva seria enviada. Entre essas, figuravam dois que iriam para as terras americanas por motivo de doença — eram os irmãos Anchieta e Gregorio Serrão.

Foi assim que, em 8 de maio de 1553, Anchieta deixou o Tejo Viajava, na frota de D. Duarte da Costa, nomeado segundo Governador Geral. Vinham, além dele, o já referido irmão Gregorio Serrão, os padres Luiz da Grã, que logo depois era nomeado colateral de Nobrega, na direção da Província: Braz Lourenço e Ambrosio Pires e mais os irmãos João Gonçalves e Antonio Blasquez. A viagem stô a Bahia demorou dois meses, e os jesuítas ali desembarcaram em 13 de julho daquele mesmo ano de 1553.

Em outubro desse ano, Anchieta, juntamente com os padres Vicente Rodrigues e Braz Lourenço e o irmão Serrão, fazia-se de novo no mar, acompanhando o Padre Leontino Nunes, que fôr a Bahia, a mando de Nobrega, para trazer para S. Vicente os novos catequistas. Uma tremenda tempestade fez-los naufragar, na altura dos Abrolhos. Conseguindo alcançar a terra, de novo embarcaram, oito dias depois, para o Espírito Santo. Ali ficou Braz Lourenço, e incorporou-se à comitiva Afonso Braz.

Em 24 de dezembro, acham-se eles em S. Vicente. Em Janeiro de 1554, calgam a Serra de Paraná, e vão acampar no local escolhido por Nobrega, entre os riachos Tamanduatei e Anhangabau. Ai, em 25 de Janeiro, dia da conversão do Apóstolo S. Paulo, foi dita a primeira missa. Aquela pauperrima e estreitissima casinha, a que aludia o próprio Anchieta, ia crescer: transformar-

se maravilhosamente, a se tornar a grande cidadela, glória do Brasil, uma das glórias da América.

Em S. Paulo, na missão de que era chefe o Padre Manuel de Paiva, coube a Anchieta, como único sacerdote de Latin, a tarefa de ensinar de Gramática. Entre os seus alunos contou-se o próprio superior.

Mas ele não se contentava em ensinar: o que queria era, antes, aprender. Foi assim que, em poucos meses, se tornou apto a ler e entender a língua dos índios, compondo dela uma Gramática e um Vocabulário.

E em 1563, que, acompanhando Nobrega, Anchieta realiza um dos feitos mais heróicos desse incomparável poema épico, que foi a existência dos Jesuítas nos primeiros anos de Brasil. Ameaçavam os famônicos depredadores Capitanias, e urgia uma providência que impedisse tal calamidade. Nobrega deliberou e Iperoig tentou a paz. E Anchieta val como seu intérprete. Partiu a 18 de Abril, como "homens morti destinatos", não tendo mais conta com a vida nem com a morte". (Anchieta, Carta XIV). Em Iperoig sofreram perigos os mais prementes e os mais aterradores, vendo assassinado e comido um desventurado branco, que tinha caído nas mãos dos índios.

E em Iperoig, passeando nas areias da praia, que ele compôe, em Latin, o seu poema a Nossa Senhora, poema que só mais tarde, em S. Vicente, valendo-se de uma incrível memória, transportará para o papel.

Em 14 de agosto firma-se a paz com os índios, e Anchieta pode pensar em regressar a São Vicente. Fê-lo com o auxílio de Cunhambeba, e chega a S. Vicente (Cent. na página 44).

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, cinco ou seis mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, no preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje raramente aparece, atinge o custo de cinco e seis mil cruzeiros.

Faca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização.



PADRE JOSE DE ANCHIETA
Tela antiga, existente no Gesù, Roma

SUMARIO

PAGINA 41:

- Notícia sobre José de Anchieta.
- Anchieta, escritor.
- "Autores e Livros" a seus assinantes.

PAGINA 42:

- A poesia de Anchieta;
- Ao Santíssimo Sacramento;
- Carta da Companhia de Jesus ao Seráfico São Francisco.
- De S. Maurício.
- Cardelinho Santa.

PAGINA 43:

- Os Padres e os Índios, de José de Anchieta.
- Recensão da régua de testo da "Arte da Gramática" (1.ª edição).

PAGINA 44:

- Biografia de José de Anchieta.
- A humildade de Nobreza, por Anchieta.

PAGINA 45:

- O poeta Deolindo Tavares, de nome negro-monte.

PAGINAS 46 E 47:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Segunda série — Antologia da Poesia. — XXII — Augusto Meyer.
- Notícia sobre Augusto Meyer.

PAGINA 48:

- Inglhas fontes sobre Augusto Meyer.
- De um leitor de romances: Alencar.
- De "CADERNO AZUL".

PAGINA 49:

- Cronologia da Literatura Brasileira.

— A vida dos livres: Manuel Bandeira: "Maior do Malungo" — Jaime Sabatini — "Pleasant, a fútil vida partizan" — Péricles Braga: Palmares pelo avesso.

PAGINA 49:

- Páginas dos Autores Novos XVIII — Selene de Medeiros.
- Cento Pagão.
- Suite.
- A noite sobre nós.
- Amor e charco.
- Lavadeira.

PAGINA 50:

- Nota sobre Selene de Medeiros,
- Monticelo Lobato.
- Curso da Jornalismo, Ética, História e Legislação Jornalística. Ponto 1. O jornalismo como veículo de ideias e de sentimentos. A ética jornalística. De Mário Leão.

PAGINA 51:

- O Corvo de Poe. Traduções de Fontoura Xavier, e Americo Lobo.
- José Vieira.
- Um poema de Deolindo Tavares: "Pausa".

PAGINA 52:

- O reaparecimento de "Autores e Livros". Carta de Cassiano Ricardo a Mário Leão.
- Álbum de Guignard N.º 3 — Ouro Preto — Bairro de Antonio Dias.

ANCHIETA, ESCRITOR

Observado como homem de letras, Anchieta, pela sua multiplicidade afetiva, encanta-nos de assombro. Esse homem frágil, doentio, melancólico, apto a arrostrar as tarefas mais duras, e não recusa diante de nenhuma delas. Chegando a um mundo desconhecido e rude, adapta-se a ele, comprende-o, ama-o. Com poucos anos do Brasil, era um dos que melhor conheciam os mistérios do Brasil. Deinde logo olhos fraternalmente os setas indios, e o estudo a fundo. Sabe tão bem a língua delas que escreveu a primeira gramática tupi-guarani. Mas, assim como em pouco tempo lhe foi fácil aprender o tupi-guarani, assim também lhe tinha sido fácil, ainda na Europa, aprender o latim. Conhecia nessas duas línguas e mais em espanhol, e mais em português.

Era poeta e era prosador. Era autor de autos para teatro. E era sobretudo o incomparável catequista.

Era era, de certo, a manifestação central do seu temperamento. Tudo o mais girava em torno dessa missão, que ele cumpria como uma ordem do céu.

Faz-se assim, embora. Que exímia realização, contudo, sobre (Continua na pág. 45)

A POESIA DE JOSE' DE ANCHIETA

AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

O que pão, é que comida.
O que divino manjář.
Se nos dá no santo altar
Cada dia.

Filho da Virgem Maria,
Que Deus Padre o mandou.
E por nós na cruz passou
Crua morte.

E para que nos conforte
Se deixou no Sacramento.
Peda dar-nos com aumento
Sua graça.

Esta divina fogaca
E manjar de lutadores
Golardas de vencedores
Esforçados,

Deleite de enamorados
Que, com o gosto deste pão,
Deixam a delitiosa
Transitoria.

Quem quizer haver vitórias
Do falso contentamento,
Coste deste sacramento
Divinal.

Era d'vida imortal,
Este mata tóda fome,
Por que não Deus e homem
se contentem.

E fonte de todo bem
Da qual quem bem se embende
Não tenha medo da queda
Do pecado.

Ora que divino bocado
Que tem todos os sabores...
Vinde, pobres pecadores,
A comer.

Não tendes de que temer
Sendo de vossos pecados:
Se forem bem confessados
Isto basta.

Que este manjar tudo gasta
Porque é fogo gastador
Que, com seu divino ardor,
Tudo abraza.

E grão dos filhos de casa
Como que sempre se sustentam
E virtudes acrecentam
De contínuo.

Todo al é deserto
Se não comei tal vianda
Com que a alma sempre anda
Satisfeta.

Este manjar aproveita
Para vícios arrancar,
E virtudes arraigar
Nas entradas.

Suas graças são tamanzas
Que se não podem contar
Mas, bem se podem gostar
De quem ama.

Sua graça se derrama
Nos devotos corações
E os anches de benções
Copiosa.

Oh que entrañadas piedosas
De vosso divino amor!
Oh meu Deus e meu Senhor
Humano!

Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos offende?
Quem vos ate, quem vos prende
Com tais nós?

Por caber dentro de nós
Vos fazéis tão pequenito
Seri o vosso ser divino
Se mudar.

Pura vossa amar plantar
Dentro em nosso coração.
Achastes, tal invenção
De manjar.

Em o qual nosso padar
Acha gostos diferentes
Debaixo dos acidentes
Escondidos.

Uns são todos incendiados
Do fogo de vossa amar;
Outros cheios de temor
Pillai.

Outros, com o celestial
Lume deste sacramento,
Alcangam conhecimento
De quem são.

Outros sentem compaixão
De seu Deus que tantas dores
Por nos dar estes sabores
Quis sofrer.

E desejam de morrer
Por amor de seu Amado
Vivendo sem ter cuidado
Desta vida.

Quem viu nuna tal comida
Que é o sumo de todo bem
Ai de nós que detem
Que buscamos!

Como não nos enfascamos
No deleite deste Pão
Com que o nosso coração
Tem fartura?

Se buscarmos formosura
Nelé está tóda metida;
Se queremos obter vida
Esta é.

Aqui se refina a Ió
Pois debaixo do que vemos
Estar Deus e homens cremos
Sem mudança.

Acrescenta-se esperança
Pois na terra nos é dado
Quanto nos céus guardando
Nós está.

A claridade que la
Nunca de ser aperfeiçoada
Desti é confirmada
Em pureza.

Déle nasce a fortaleza
Ele da perseverança
Pois da bem-aventurança
Pão de glória.

Deixado para memoria
Da morte do Herodes
Testemunho de seu amor
Verdadeiro.

Oh! mansíssimo cordeiro,
Oh! menino de Belém.
Oh Jesus, todo meu Ben.
Meu Amor!

Meu Esposo, meu Senhor
Meu Amigo, meu Irmão,
Centro do meu coração,
Deus, e Pai!

Pois com entradas de mãe
Quareis de mim ser comido?
Roubrei todo meu sentido,
Para vós.

Com o sangue que derramei,
Com a vida que perdeste,
Com a morte que quiseste
Padecer.

Morra eu por que viver
Vós possais dentro de mim
Ganhai-me, pois, que perdi
Em amar-me.

Pois que para encorporar-me
E mudar-me em vós de todo
Com um tão divino modo
Me mudais.

Quando na minha alma entras
E déle fazela sacrário,
De vós mesmo é relicário
Que vos guardai.

Enquanto a presença tarda
De vosso divino rosto
O saboroso, e doce gosto
Deste pão.

Seja minha refeição,
E todo o meu apetite,
Seja gracioso convite
De minha alma.

Ar fresco de minha calma,
Fogo de minha friesa
Fonte viva de limpeza,
Doce beijo.

Mitigador do desejo,
Com que a vós suspiro e zênia
Esperança que do tempo
De perder.

Pois não vivo sem comer
Como a vós, em vós vivendo
Viva a vós a vós comendo
Doce amor.

Comendo de tal penhor
Nelé tenha a minha parte
E depois de vós me forte
Com vos ver.

O exército tremendo
Dos amigos de repente,
E com ânimo valente
Salvou tóda sua gente.

Amen.

Carta da Companhia de Jesus ao Serafico S. Francisco

Depois de tudo criado
Por centa, peso e medida
Disse Deus: — Seja formado
O homem, como traslado
De nossa imagem subida.

E creou

A Adão, a quem dotou
Da semelhança divina;
Mas foi tal sua mofina,
Que mal depressa marchou
Aquia imagem tão dina.

Mas Christo, Deus humanizado,
Glorioso São Francisco,
Para limpar o traslado,
Que Adão tinha manchado,
Pondo o mundo em tanto risco.

Quis pintar

E consegui confirmar
A voz de d'ante e de fóra,
Com graça tão regular,
Que vos podemos chamar
Homem novo, em que Deus

Imora.

O famoso patriarca,
O ilustre capitão,
Da segunda religião,
Dentro da qual, como na Igreja,
Se salva o povo cristão

Vos sois aquele varão
Cheio de justica e le
E de toda a perfeição
Figurado com razão
No júlio e santo Noé.

Noé fez a grande arca
Em que o homem racional
Junto com o bruto animal
Enpassaram, como em barca
Do diluvio universal.

Vós, por ordem divinal
Na religião que fizestes,
A bons e maus recebestes,
E livres d'água mortal
A Deus vivo oferecestes.

Vós sois o grande Várião
Que de Deus fostes achado,
Segundo o seu coração;
E no paí de Salomão
Altamente figurado.

O qual como desprezado
Por ser o filho menor,
Sendo de ovelhas pastor,
Apascentara seu gado
Com grão cuidado e amor.

David, com grande vigor
Um leão tão carniceiro
E um vosso roubador,
Qual gigante esplendor
Matou com ser ovelheiro

Este tal, por derradeiro,
Deus o fez rei de Israel,
Salvando o povo fie
Por este grão cavaleiro
De toda a gente cruel.

Vós vos tendes por menor,
Tendo a todos por maiores,
E maiores dos pecadores;
Tendo-vos Deus por maior
De todos seus servidores.

Fez-vos pastor dos menores;
Uma das quais foram cordeiros
Mas muitos fortes cavaleiros,
Outros, do gado pastores
E guias, como canizinhos.

Concedeu-vos tal poder,
Que leão, urso e gigante,
Matares forte e constante,
Mundo, Carne e Lucifer
Destruindo mal possante.

Com tal capitão gigante
Aumentou-se fé e lei
Da Igreja militante,
E vos já na triunfante
Sois coroado, sois rei.

Trepando sem nenhum medo
O príncipe Jerônimo
Com seu exílio detrás
Por um áspero penedo,
Alcançou vitória e paz.

Cometendo

O exército tremendo
Dos amigos de repente,
E com ânimo valente
Salvou tóda sua gente.

Amen.

De S. Mauricio

Vossa vida e morte clama.
Nossas almas despertando
Para que vivam honrando
A Deus que tanto nos ama.

Bu Santa lei guardando.

Quando o Imperador da terra
A seus deuses quis honrar,
Obrigou a sacrificar
Os soldados que na guerra

Com elas haviam de entrar.

Mas vós, para glória dar
A Deus todo poderoso,
Vosso esquadro mimoso
Fizestes logo apartar

De trato tão pernicioso.

Se quisermos honra ter,
Muita, o mundo prometia,
Mas a vossa fidalgaria
Só daquele eterno ser

Do sunto Deus dependia.

Por isso, com alegria
O vlo mundo descrezaste
Com o que nos ensinaste
Fazer dele combate,
Como vós deles combateste.

Vosso seis mil e setecentos
E sessenta e seis soldados
Por vós foram animados
Paraarem com tormentos
Com a morte coroados.

Pois serem degolados
Cada um queria ser
O primeiro, sem temer
Os cutelos aguçados,
Com fúria de Lucifer.

Oh valoroso esquadro!
Oh gente vitoriosa!
Oh vitória gloriosa!
Oh fortíssima legião!
Oh companhia generosa!

Vossa morte preciosa
É honra do gran Jesus
E daquela vila Viosa
Defensão mal poderosa
E espanto de Belzebú.

Vossa vida, S. Mauricio,
E dos vossos que perdestes,
Quando pelo fei interesto,
Foi um vivo sacrifício
Com que a Deus engrandecestes.

Com tais mortes merecestes
Triunfos mai gloriosos
E que vossos fortes ossos
Que distinher não quiserestes
Sejam defensores nossos.

Oh divinos baluartes
Que nunca fostes rendidos
Posto que mal combatidos
Com muitas forças e artes
Mortos, mas nunca vencidos.

Pedimos ser recebidos
Com amor dentro de vós,
Porque o inimigo feraz
De que somos perseguidos,
Seja vencido de nós.

O pecado nos dão guerra
Em todo o tempo e lugar;
E polo quiseires morrer
Nesta nossa pobre terra,
Ajudai-a sem cessar.

Porque, cercando o percar,
Cessarão muitas revengas
Com que os ergeis Franchos
Nos poderão apertar,
E lutarão Ingleses.

Martyres mal esforçados
Pois sois nossa defensão,
Defendei com vossa mui
Vossos filhos e soldados
Que idas são ao Serião.

Pois vós com bons intenções
A buscar gente perdida
Que possa ser convertida
A Jesus de coração
E ganhar eterna vida.

Procurai-nos a saúde
Com que a Deus servir possamos
E no coração tenhamos
O puro amor da virtude
E sem pecado vivamos.

Das novidades sejamos
Providos sem carência
E vossa capitania
Livre de que receeamos
Vos hante com alegria.

Cordeirinha Santa

Corderinha Santa
De Jesus querida
Vossa santa vida
O diabo espanta

Com isso vos canta
Com fraca o povo
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo

Cordeirinha Linda
Como folga o povo
Porque a vossa vinda
Lhe dá lume novo

Nossa culpa escuta
Fugirás depressa
Pois vossa cabeça
Vem com luz tão pura

Vossa fermosura
Honra é do povo
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo

Santa padrininha
Morta em cotole
Seri nenhum falec
De vossa farinha

Ela é mensinha
Com que sala o povo
Que com vossa vinda
Terá trigo novo

O pão que assantes
Dentro em vosso pote
E o amor perfeito
Com que a Deus amastes

Desta voz fantástas
Destes dais no povo
Porque deixa o velho
Pelo trigo novo

Não se vende em praça
Desto pão da vida
Porque é comida
Que se dá de graça

O preciosa massa
O que tão novo
Que com vossa vinda
Quer Deus dar ao povo

Virginal cabeça
Pela fé é cortada
Com vossa chegada
Já ninguém pereça

Vinde mal depressa
Ajuda os povo
Pois com vossa vinda
Lhe dá lume novo

Também padrinha
Sóis de vosso povo
Pois com vossa vinda
Lhe dá trigo novo

Não é calcanejo
Este vosso trigo
Mas Jesus amigo
E vosso desejo

Vosso porque seja
Que éste nosso povo
Não anda fainito
Desto trigo novo

O que doce bole
Que se chama graça
Quem sem ele passa
E mal grande tolo

Homem sem malo
Qualquer deste povo
Que não é fainito
Desto pão tão novo

(M. Getzaga Cabral — J.
suitas no Brasil, p. 161)

OS PADRES E OS INDIOS

Chegando o governador com a demais gente à igreja de S. Tomé, soube como Curubi era ido de sua aldeia; mandou logo após ele gente de guerra, e qual acharam com sua gente em um matô assentado, e sentindo fio que os Portugueses iam em sua busca, fez uma cerca de ramos que eles costumam fazer, quando andam por terras de contrárias; houve alguma escaramuça de flechas, e ali foi morto por desastre o Curubi com pelourinho de uma espingarda, e os seus se deram, ainda que não faltam homens de boas consciências, que digam que os talis se entraram debaixo da palavra do capitão, dizendo que se entregassem por paz, e que os trariam para as igrejas, não lhes nomeando seriam escravos, e com isto se entregaram, por que os trouxeram todos cativos, e chegando à igreja de S. Tomé o governador fez cárcere dela, em que mandou recolher toda aquela gente que traziam para dali e se em repartidos, guardando-os sempre sem os Padrões lhe o poder impedir; e tal ficou a igreja depois, que para nela dizerem missa só fôr necessário cavâ-la um palmo, para tirar o mau cheiro e sujidade dela.

Não se pode dizer os agravos e medos, que foram feitos aos Índios de S. Tomé e de Nossa Senhora da Esperança em todo o tempo que o governador e mais Portugueses ali estiveram, porque não ficou mantimento nem legumes nem galinha, nem coisa alguma que não destruissem, até lhes toarem suas contas, que é toda sua riqueza, nem lhes ficava machado nem foice, que lhes não tivessem; e misto parou aquela grande conversão, que se aparelhava naquela terra, e os Índios do Cingal tiraram de guerra até agora.

Partiu-se o governador para esta cidade e mandou que os índios daquelas duas igrejas viessem também, e se repartissem pelas quatro igrejas, que nesse dia estavam. Partindo-se todos para esta cidade, alguns Portugueses se deixaram ficar pelo caminho, e amarravam alguns índios das ditas, porque o Padre ora vinha atras, ora adianto, por acudir a todas as partes, e chegou a coisa a tanto que os índios, vendia-se tão perseguidos, a mairavam um Português, e o tiveram destamaneira até que o Padre chegou, e o mandou desamarar; nem isto bastava para terem alento considerável.

Chegou o Padre Gaspar Lourenço a estas igrejas da Bahia com 1.200 almas, as quais se repartiram pelas quatro, que os Padres tinham: e como já o gentio deles se ia gastando, a agora pouco tempo há de seis anos a esta parte vieram duas grandes doações, bengas e sarrampão, ficaram

As diminuições que se tornaram em 3, repartindo-se a gente de S. Tiago pelas outras com parecer do governador Lourenço da Vega, as quais já de todo formam escabadas, se os Paiores não mandaram sobre elas, como andam; porque por algumas vezes tem parecer dos governadores, mandaram as Paiores todos das heréias, e foram elas em pessoa ao serviço a descer gente para se fortificarem, por se não acaravam o tempo de elas, cremo foi no anno de 1652. Vels Mourangos que nascem val romaneado, e outras principais para as heréias depois disso foi o Padre Gaspar Lourenço em Arribá, e trouxe outra golpe de gente desse dia, e o Padre Diogo Nunes à coroa do Brasil, e desceu também a riqueza, e riqueza que se

Quando seia suspensão é emitida ter esse alcance, onde os Paisres residem, e custo-

antes sempre foram contra
isse.

JOSE' DE ANCHIETA

vá-las que se não acabam, mas
buscar ainda maneira para
que haja quieto, claro é ista,
pela alegria das guerras que acima
disse, em que elas ajudaram
tanto; como se não fosse, elas
ajudaram a vencer todos os
mais que se depois fizeram, co-
mo foi a da Boa Vista. Duas
vezes que se levantou o genro
de Paraguai, foram a ele, e
o destruiram; a segunda vez
com o governador do Rio de
Janeiro; depois disso com An-
tônio Ribeiro aos Índios do
Campo Grande e daí derre-
tam com o ditto Antônio Ribeiro
muitos Índios da Bahia; com
Vasco Rodrigues de Caldas
ao ouro; com Antônio Dias
Adda no ouro; com Luís de
Bríto governador à guerra do
Apiprié; com Antônio Ferraz
outra vez ao Paranauba; com
Luís de Bríto à Paraíba que
não teve efeito por se tornar

cargo 800 homens de polícia
pouco cu mais ou menos, dos
quais não há máe de um anno
nunhum, que não andem em ca-
sas dos Portuguezes e cento e
muitas vezes mais, ajudando-
os em suas fazendas, por ce-
rebro em des formam mais ajuda-
ram, e como elles são poucos e
têm suas roças para fazer e
outras necessidades, não o
podem acudir a tâdas as que os
Portuguezes têm, e há muitos
que por andarem muito tempo
em casa dos Portuguezes,
não têm que comer, e dai vêm
ficarem-se nelas para sempre.

Quanto à som Indios estarem longe dos Portugueses, nem fôr-
a estarem mais perto, se pu-
dera ser, mas os Portugue-
ses ibam tem ocupado suas
terras, que fôrtem por caras,
cim seus engenhos, como
erão as terras de Achteíl, ou-
tros com suas fazendas e curra-
is, por onde os Indios não po-
dem estar menos da distância
que estão, porque nem ainda

De noite e de dia rezavam os Padres ministrando-lhes os sacramentos da confissão e unção sem descansar, nem terem tempo para recar suas hóstias, interrumpendo cada dia 10 e 12, ajudando-lhes a fazer as coisas e trazê-las à igreja para os comandar e enterrá-los, e os grandes trabalhos que nessa doença os Padres tiveram com elas, vieram a adorar, de que estiveram muito mal: muitas vezes acontecia levantarem-se da mesa, para lhes acudir com o batismo, confissão e unção.

Educação-Ihes os Padres todos os dias pôlo manhã a diuturna, esta geral, e lhes dizen missa para os que a quiserem ouvir antes de irem para suas rogas; depois disto ficam os meninos na escola, onde aprendem a ler e escrever, com ar e outros bons costumes pertencentes à polícia cristã; à tarde tem outra doutrina, particular a gente, que tem o Santíssimo Sacramento. Cada dia vioce Padres visitar as enfermeiras em alguns funeralzinhos para isso, e se tem algumas necessidades particulares, lhes accadem a elas, sempre lhes ministrando os sacramentos necessários, e todas estas coisas se fazem puramente por amor de Deus sem nenhum interesse nem proveito, que déles tenham pois que é provávelmente que os Padres tem lhes vai do colégio, e concerte assim como por amar as suas alunas pôlo extrema necessidade em que se enão. Os Padres não se servem déles em facetas, porque se o colégio tem necessidade de alguma coisa para ajudar a alguma obra do colégio, e elles vem atender instantaneamente por seu estímulo, e como vêm

mas das outras Portugalenses e isto não em dia de membranagem se tivessem querido por temer necessidade da visita; ou ferramenta, porque ainda que um natural seja engraçado na figura todos os que se exercem com a disciplina dos Padres andam vestidos, e tem pão que andarem. Mas, mas não os Padres exercitados das sítadeis, como se os

Quinta es Portugal, essa via
as aldeias, bairros, gente para
seu serviço, os Padrões que
não estão os ajudam no que po-
dem, mandando chamar alguém
principal, que vá com os Por-
tugueses pelas casas, e lhes
mostrar o resgate que leva
a gente, porque que vêm os que querem
sem nisso haver nenhuma
impedimento. C se os Padrões
algumas vezes põem alguma e,
porque as vezes os tristes
têm sua roupa acanhada, e é ne-
cessário, que a saiam para um
mídia de sua mulher e filhos
outros há que também que são
mal casados, e fizes, nuna
saem de casa das Fazendas

santos que cada dia se presentam e a estes impede o Padre, para que façam vida com suas mulhereis, e estes tam' dizerem que Portuguesas, que os Padres não querem, que os índios os devem ajudar, sendo estes os causas de tal impedimento e outras, como dizes.

O castigo que os índios tem é dado por seus mestres, os padres polos governadores, e não há mais que quando fizerem alguma delitos, e devam ser mandado meter em prisão, ou dar-lhe um dia ou dois, sem que quem não tem certeza, nem certezas em justiça, e as castigos, que são indios, que viajaram a casa das Portas, ou que vieram para a aldeia, ou que vieram de tempo, o Padre que estiga imparavelmente para a Igreja que com ele fazem os padres, e os curas, e os padres, e os curas, que o indio não pode ir.

Padre os grandes, os menores, os padres, os curas, os padres, os curas,

On Friday he had written to
indicate his intent to depart via
train at noon the next day.

(Continued on page 55)



Frontispício da "Arte de Gramática" (Língua Tupi) do Padre Ambrósio. Exemplar da Biblioteca Vittorio Emanuele, de Roma

ment de Roumanie: a 500 n.

lá podem viver sem Português,
que se colo éles vao morrer.
e seus gados lhes derramam
sua leite.

Este foi o sucesso das Igrejas e gantio, que os Padres da Campanha tiveram a cargo, depois que veio Tomé de Sousa por governador nô algum que há 31 anos.

(Continued on page 53)

BIBLIOGRAFIA DO PADRE JOSE' DE ANCHIETA

— Arte de Gramática matica da Lingua / mais usada na costa do Brasil / pelo padre Joseph de Anchieta da Cöpanhia de Iesv. / Com licença do Ordinario & do Preposito geral da Cöpanhia de Iesv. / Em Coimbra per Antonio de Mariz: 1595. / in-8.º — peq. 1 fl. de título ee 58 fls. num. (E de toda a caridade, díz J. C. Rodrigues).

— Arte de Gramática da Lingua mais usada na costa do Brasil, novamente dada à luz por Julio Platzmann — Edição fac-similaria Stecrotipa — Leipzig Trübner — 1847.

— Grammatica der brasiliensis Sprache, mit zugrundlegung des Anchietas, herangegeben von Julius Platzmann. Leipzig — B. G. Trübner — 1874 — 8.º — XIII — 178 pgs.

— G Margravias — De Lingue Brasileiensiun e grammatica. P. Josephi de Anchieta — p. 274 de Historiae rescum Brasiliæ.

— Nadir Reland — De lingua Brasiliæ ex Grammat. — Anchieta — In Dissertationes Miscellaneas, i. III, p. 175.

— Arte de Gramatica da Lingua mais usada na costa do Brasil pelo P. Joseph de Anchieta. Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, feitas pelas estereótipias da edição Platzmann, de 1876, fac-similar da edição princeps de 1595.

Teve outra edição, em 1946, na Editora Anchieta do Rio de Janeiro.

— De Beata Virgine Del Matri Maria. E um poema de 2.086 disticos. — In Crónica do Brasil, do P. Simão de Vasconcelos S. I. em Vida do Ven. P. Joseph de Anchieta, do mesmo autor.

— Vita Beatissima Virginis Maria, a Josepho Anchieta. Lusitano Socialis Jesu, ex-voto composita. Ms. do sec. XVII, 12.º com aprovação do P. I. Renata. (Cat. Boulard, 4.ª parte, p. 131, n.º 26).

— Poema Marianum — Autora Venerabilis P. Josepho de Anchieta Lacunatus Sacerdote Professor Societatis Jesu, Apostolo Brasiliensi nuncupato — Ano MDCCCLXXXVII Typis Vicentie a Bonnet, In Urbe Sancta-Crucis (Tenerife) 8.º — 176 ps.

— Breve Oficio de la Inmaculada Concepcion de la SS. Virgen, escrito en versos saecios latinos por el V. P. José de Anchieta, S. I., traducido al Buskana en el mismo metro por el P. José de Arana — Na Euskal-Errira, revista bascongada, t. VIII (San Sebastian, 1883).

— De Beata Virgine Peema da Virgem, composto por José de Anchieta quando refém dos selvagens em Iperoig. Texto latino. Versão portuguesa do Pe. Armando Cardoso, S. I. — Edição do Arquivo Nacional, — Rio — 1940 — XLVI — 441 pgs. Traz uma Nota preliminar, de C. Vilhena de Mornes, diretor do Arquivo Nacional, uma Introdução do Padre A. Cardoso, o texto latino do poema, a tradução em ritmos, feita sobre o texto contemporâneo do manuscrito de Algora.

— Informações e fragmentos históricos do Padre Joseph de Anchieta publicadas por Capistrano de Abreu e Vale Cabral. Imprensa Nacional — Rio —

1886 — 8.º — XVI — 84 ps.

— Cartas de Algunos padres y hermanos de Compañía de Jesus, que escreveron de la India, Japon y Brasil a los padres y hermanos de la misma Compañía en Portugal, trasladadas de portugués al castellano — Fueron recibidas al año de mil y cincuenta y cinco y clínicas — Lisboa, por Juan Alvarez — 1555. 10.º 33 vols.

Há duas cartas de Anchieta.

— Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — i. 3, p. 316-323.

Vêm as duas cartas do Padre Anchieta acima referidas.

— Cartas do Padre Joseph de Anchieta (1554-1567) — Publicadas por Freixiera de Melo — Imprensa Nacional — Rio — 1886.

— Cópia de uma carta para o padre-mestre Diogo Laynez, preposito geral em 16 de abril de 1583 (traduzida do espanhol pelo conde Januario da Cunha Barbosa, do ms. que se acha na Biblioteca Pública desta Corte — Rev. do Inst. Histórico II, 541, (2.ª ed.).

— Carta escrita da Bahia de Todos os Santos ao Dr. Jacomo Martini, provincial da Compañía de Jesus, em 9 de julho de 1585 — Rev. do Instituto Histórico, III, 248.

— Informação das casamentos dos Índios do Brasil, rev. do Instituto Histórico, VIII, 254.

— Poesias do Venerável Padre José de Anchieta, escritas em tupi, castelhano, latim e português — Rio — 1884 — 146 ps. (Cat. dos ms. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

— Poesias do venerable P. José de Anchieta, escritas em lengua tupi. (Seguidas de una traducion portuguesa, del P. Juan da Cunha.) Copiadas de un ms. autentico existente en los Archivos de la Compañía de Jesus en Roma por el Dr. José Franklin Massena e Silva — Roma — 1863 — 8.º — 18 ps. E um drama intitulado Jesus na festa de São Lourenço.

— Poesia em lengua Tupi, por el P. Joseph de Anchieta — Copiada por J. Franklin Massena — Roma, 6 de Deciembre de 1863. Traducido al português por el P. Juan da Cunha — 8.º — 8 ps.

— Meio Moraes Filho — Curso de Literatura — 2.ª ed. — Rio — 1882.

Inseriu Da Resurreição e outras poesias de Anchieta.

— Primeiras letras — Clássicos Brasileiros. Publicações da Academia Brasileira — 1923. Contem Cartas de Anchieta — O Diálogo de João de Lery — Trovas Indígenas.

— Santa Ines — in Jequitins no Brasil do Padre Gonzaga Cabral, que declara transcrevê-la ao livro de Francisco Rodrigues — A Formação Intelectual do Jesuíta. O Padre Cabral refere-se a um codice ms. e em boa parte autógrafo de Anchieta, descoberto pelo padre Francisco Rodrigues. A essa coleção inédita é que pertence a poesia acima mencionada.

— Aníbal Maio — José de Anchieta (Come se comemorou o seu IV Centenário em Minas Gerais). Belo Horizonte — 1935. Transcreve numerosos trabalhos de prosa e verso de



Retrato de Anchieta. É considerado o mais antigo e fiel de tantos se conhecem. Tabuia da primitiva Província da Companhia de Jesus no Brasil, conservada no Colégio de São Luís, da cidade de São Paulo.

Anchieta, além de muitos estudos sobre o padre.

— Sermão sobre a Consversão de São Paulo — Revista Trimestral do Instituto Histórico — t. LIV — (1892).

— Cartas, informações, fragmentos, inéditos e sermões, do Padre Joseph de Anchieta, S. J., 1554-1594.

— 1933, Civilização Brasileira, S/A, Rio de Janeiro. 1933. In 8.º, 242 x 167, 587 pgs. com gravuras no texto e fóra do texto e retratos de Anchieta no frontispício. Contem: "Nota Preliminar", de Afranio Peixoto; "Obra de Anchieta no Brasil", de Capistrano de Abreu; "Introdução", de Afranio Peixoto; "Bibliografia do Padre Joseph de Anchieta, S. J.", por Carlos Sommervogel, S. J.; "Cartas, informações, fragmentos e sermões de Anchieta"; e "Vida do Padre Joseph de Anchieta", de Antônio Alcantara Machado; Índice.

— Nobrega e outros — 61 pgs. — Coleção Brasileira de Divulgação — S. D. do M. E. S. — 1945.

Encerra estudos biográficos sobre: Manoel da Nobrega, Diogo Jacome, Manoel de Paiva, Salvador Rodrigues, Francisco Pires e Gregorio Serrão.

— Nobrega e outros — 61 pgs. — Coleção Brasileira de Divulgação — S. D. do M. E. S. — 1945.

Encerra estudos biográficos sobre: Manoel da Nobrega, Diogo Jacome, Manoel de Paiva, Salvador Rodrigues, Francisco Pires e Gregorio Serrão.

— A Província do Brasil (1585) — Coleção Brasileira de Divulgação — Serie IV — Historia — n. 2 — S. D. do M. E. S. — Rio — 1946 — 56 ps.

— Primeiros aldeamentos na Bahia — Coleção Brasileira de Divulgação — S. D. do M. E. S. — Rio — 1946 — 54 ps.

— Capitania de S. Vicente — Coleção Brasileira de Divulgação — Serie IV — Historia — n. 3 — S. D. do M. E. S. — Rio — 1948.

— Publicações do Arquivo — vol. 37 — Poema da Virgem. Compuesto por José de Anchieta quando refém dos selvagens em Iperoig-Texio Latino. Versão portuguesa do Pe. Armando Cardoso, S. J. Rio, 1940. 41 pgs.

O volume contém:

— Nota liminar, de C. Vilhena de Moraes, diretor do Arquivo Nacional. — introdução pelo Remo P. A. Cardoso, S. J.

— De Beata Virgine Del Matri Maria — versos 1.º 5-786.

— Horas Immaculatissimas Conception.

— Poema da Virgem, versos 1.º 5-786.

— Horas da Conceição Imaculada.

A HUMILDADE DE NOBREGA

Anchieta

"No tratamento pessoal era necessário terem cuidado d'ale, porque ele o não tinha de si. Seguia sempre a comunidade sem singularidade alguma, salvo para maior estreiteza. Era de pouco comer; e ainda que de complicado delicado, nenhum trabalho recebia, como andar sempre a pé por caminhos muito desertos de matos e serras, com grandes frios, chuvas e alagadiços. E às vezes, por não poder com o peso da roupa, caminhava sem cia, por encascalhar levando as costas alheias. Seu vestido era o pior e não podia trazer roupa nova, sendo velha e remendada e sem uso de mantéu, porque entendo pelo meu pobreza o não havia.

Quando andava fora de casa, de todo pessoa que lhe oferecia a pousoa e acitava de boa vontade, e festejara e dormira todo o tempo que era necessa-

rio, assim por ser esmolado, com que com isso ganhava a vontade de todos; a uns para se livrarem do mau estado e a outros para no seu viverem conforme a lei de Deus e serem mais prontos para boas obras. Em especial usava disto com um vigário muito velho e honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nesse refúgio para suas consciências, com pouco escrúpulo da verdade que dos Padres ouviam e criam. Com este pousoava muitas véses e recebia suas esmolas, advertindo-o que tocava à sua consciência e de suas ovelhas. E tendo ele alguns tempos impedimentos de enfermidade e outras, supria o padre Nobrega por si e pelos Padres nas missas e em tudo mais por ele e depois pondo-lhe embargo em sua paga pelos

NOTICIA SOBRE JOSE' DE ANCHIETA

(Continuação da pág. 41)
Vicente em meados de setembro.

Em Janeiro de 1565, acompanhou Estácio de Sá, que vinha de Bertioga conquistar aos franceses o Rio de Janeiro.

Em 31 de março, deixava o Rio de Janeiro e ia, com João de Andrade, para a Bahia, a fim de receber suas ordens sacras. Faz um curto estágio no Espírito Santo, onde, a mando de Nobrega, visita a casa da Companhia e as aldeias dos índios, e prossegue na viagem.

Na Bahia, recebido pelo provincial Luiz da Gril, foi ordenado pelo Bispo D. Pedro Leitão.

Em Janeiro de 1567 está de novo no Rio, e é agora auxiliar de Nobrega na direção do Colégio. Faz um curto tempo ai permanece porém, pois, em outubro daquele mesmo ano, já se encontra em S. Vicente, com o cargo de superior.

Em 1573 foi eleito Reitor do Colégio do Rio de Janeiro. O provincial Infácio de Tolosa, entretanto, resolveu conservá-lo na direção de S. Vicente, tamanha era a utilidade da sua presença ali.

Em 78, era nomeado provincial, circunstância que veio tornar ainda mais ásperas e mais trabalhosas as asperezas e trabalhosissimas tarefas a que se impunha. Percorreu, então, todas as residências da Província, visitando Pernambuco, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente.

Não se sentia com forças para continuar no cargo de provincial, e o depois, em 1585, nas mãos do visitador Cristóvão de Gouveia.

Não quis isto dizer que ele fosse descansar. E seus trabalhos de catequista continuaram com a mesma intensidade anterior. Em 86, foi enviado para o Rio de Janeiro; em 87 para o Espírito Santo.

Em 82, assistiu na Bahia à congregação provincial, que elegeu o Padre Luiz da Fonseca procurador e em Roma. Da Bahia regressou ao Espírito Santo. Fez novas visitas ao Rio de Janeiro e a São Vicente e retornou sempre às terras espírito-santenses. Nomenado superior da casa daquela Capitania, ali ficou até 95.

Ao deixar a direção da casa, foi para Recife, levado, em atenção à sua idade e aos seus achaques, nos ômbros dos índios. Em meio da viagem, porém, os despediu, e alcançou Recife, a pé. Deu-se, então, a uma ocupação que muito o encantava: a de escrever a

ofícios d'El-Rei que lhe pagava tudo.

Com estas boas obras o vigário se chegava cada vez mais nos Padres, até que já no cesso da vida fez uma confissão geral com um diaés e por seu conselho deixou muitos meses de dizer missas, por ser tremulo pela muita velhice e fazer o mais do seu ofício, deixando tudo aos Padres, e com isto acabou em paz, com muita oração de todos as suas ovelhas, que com esta ocasião se deixavam também reger pelos da Companhia. Era o padre Nobrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca ocupação e trabalho aos irmãos e como sua última ideia foi uma continua dorça, esta passou alguma alma com muita falta de remédios temporais. E abraçado com esta pobreza deu com muita paz seu espírito ao Senhor."

biografia dos jesuítas mortos no Brasil. Embora se encontrasse gravemente enfermo, foi chamado à casa da vila, e recebeu o encarregado da direção dessa casa e das residências do Espírito Santo, exercendo-o durante 8 meses.

Ao se ver livre de tal encargo, voltou à Rereíba. Adocceou de novo — ou, antes, tomaram novo aspecto de gravidade seus antigos males. Por ordem superior, voltou à vila, a fim de ver se encontrava algum alívio para seus terríveis padecimentos. Não os encontrou, e preferiu passar os últimos dias da sua vida em Rereíba.

Três semanas depois — era um domingo, 9 de junho de 1887 — ocorreu o seu falecimento. Assistiram-no cinco religiosos, seus companheiros, amigos, discípulos.

Era necessário conduzir o corpo deste Rereiba para a vila do Espírito Santo. A distância era de 18 léguas.

O corpo foi colocado em um caixão de madeira, e conduzido no ônibus dos índios. A frente, era levada a Cruz alçada. Seguiam o caixão o Padre João Fernandes, revestido de alva e estola, e os habitantes da aldeia, que cantavam canções fúnebres.

No Espírito Santo, o corpo foi depositado na igreja da Companhia, e no dia seguinte (que era uma quinta-feira, 13), celebrou-se missa cantada. Findas essas cerimônias, foi o caixão sepultado na Capela de S. Tiago, ao lado do túmulo do irmão Gregório Serrão.

É patrono da Academia Espíritosantense de Letras.

Um documento precioso da história anchieta



Página 220 do autógrafo do grande sacerdote e poeta

ANCHIETA, ESCRITOR

(Continuação da pág. 41)

de dor, de vez em quando, ao seu gênio de escritor! Como poeta, temos nele o primeiro dos nossos cantores religiosos. Ele é o devoto da Senhora dos Anjos e compreendemos que somente quando se dirige a ela é que sua alma encontra os aconitos mais altos e mais puros da ternura.

Como poeta místico, deixou ele uma das obras mais consoladoras das letras brasileiras, o seu poema "De Beata Virgine", o qual, segundo a tradição, fora escrito na areia da praia, quando Anchieta se achava prisioneiro dos índios, em Iperópolis. É outra demonstração do seu culto a Maria, culto que constitui, de certa forma, a explicação de sua obra, e mesmo de sua figura literária.

Como prosador, seus serviços foram também inestimáveis. Além da "Arie da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil", compõe as numerosas informações "Os serões", que constituem verdadeiras fotografias das regiões em que andou. E compôs também as biografias dos seus companheiros de Orden a de Nóbrega, a de Diogo Jecome, a de Manuel de Parua, a de Gregório Serrão, a de Francisco Pires, a de Salvador Rodrigues.

Resta ainda mencionar a sua atuação no teatro. Seus autos são todos, sem dúvida, de assunto ingênuo e místico, e continha que assim fosse. Anchieta compunha-os para a mentalidade infantil e imaginava o indígena, com o único fim de transformar o seu teatro em um instrumento de catequese. Convinha, pois, botar o diabo em cena, sempre vencido pelos anjos e pela Igreja, conciliando dotar sempre em cena a virtude vencedora do vício, fustigando a iniquidade, desbaratando e punindo o crime.

Era esse o trigo novo, que das mãos do Santo Federirinhos dessem melhos versos, que ele distribuía pelos selçagens do Brasil.

E há, ainda, outro aspecto em que ele foi um desbravador de caminhos: o do homem de ciência. Sem querer dar às palavras um sentido absoluto, podemos dizer que Anchieta foi o criador da Medicina brasileira. Seus biógrafos o mostram possuído de um extremo sentimento de caridade, fazendo sangrias quando era preciso fazer-las, emolando o canhete para realizar operações, quando se tornava necessário um cirurgião, cuidando das mulheres que davam a luz, arranjando uma mesinha para cada enfermo. Em suas casas encontram-se a cada momento traços de um espírito médico. Ele examina as enfermidades com que se deforma, examina-as e descreve-as. E explica muita vez a maneira como se cura. Para o cancro, por exemplo, que é tão difícil curar na Europa, têm os índios uma terapêutica certa. Como? Com o fogo. Quinatum com barro fervente ou drapos de couro, e este cai como um fruto podre...

A esse médico prático, que, sentimos, assimilara com extrema facilidade os processos de cura dos indígenas, é que se deve a fundação da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Vê-se que Anchieta foi um extraordinário iniciador na vida mental do Brasil. Foi o nosso primeiro poeta, e isso em várias modalidades da poesia, na lírica, na religiosa, e acaso na épica, pois o "Poema de Virgem" não se conta longe de ser uma epopéia. Foi o criador do nosso teatro. Foi o intelectual dos estudos grecáticos do tupi-guarani. Foi o primeiro que escreveu a biografia dos seus insignes companheiros de ação catequista, estendendo assim, na camada inicial de nossa cultura, o elemento primeiro que mais tarde ha de servir para a reconstituição da vida do primeiro Brasil.

O POETA DEOLINDO TAVARES

ROMEU NEGROMONTE

A primeira vez que escrevemos sobre Deolindo Tavares foi para verberar o procedimento do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife que, tendo prometido inúmeras vezes a edição de livros de poemas do colega morto, até então nenhuma iniciativa havia tomado nesse sentido. Foi em 1945, e dirigimos no Recife uma revista a que demos todo o entusiasmo da nossa adolescência de provinciano sedento de cultura: um mensário de divulgação cultural que se chamava "Registo". Nas páginas dessa revista, lançamos o nosso protesto contra a injustiça que se estava cometendo em círculo o valor que representava naquele momento a publicação do livro de poemas de Deolindo, e pedimos aos colegas que se encontravam à frente do Diretório da nossa Escola que salvasssem a responsabilidade do grupo que havia incluído aquela publicação no programa com que se apresentou à luta eleitoral em princípios de 1944. O nosso protesto repercutiu dentro da Faculdade, e os responsáveis pelo retardamento da edição do livro prometeram enviar todos os esforços para que se conclui-se a tarefa com a maior brevidade.

Hoje, passados 3 anos, voltamos a escrever sobre Deolindo Tavares, notando com tristeza que o nosso protesto emitido há tanto tempo permanece atualíssimo, como se tivesse sido escrito agora. Nada mudou de lá para cá. Os poemas de Deolindo permanecem, ainda, muitos díles inéditos, esparsos quase todos, exceto os que Mário Leão pôde publicar neste AUTORES E LIVROS, na sua fase de suplemento literário de "A Manhã", em 1945, poemas que eu ouvi situar entre os maiores que já se escreveram na

nossa literatura. Mário dedicou todo o suplemento a Deolindo, publicando, além de quase cem poemas inéditos do jovem escritor, todos os artigos que conseguiu sobre a sua obra literária, e mais os seus vários retratos e as notícias da sua morte. Foi inequivocável a melhor tentativa feita para a compreensão de Deolindo Tavares, a melhor contribuição que já se prestou à divulgação de sua obra e à projeção do seu talento.

O Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, que tem sido tão prodígio nas despesas com superfluidades, confessas que não dispõe de meios para a edição prometida. E não torna qualquer providência no sentido de se resolver esse impasse. A situação continua a mesma. Deolindo, seis anos após a sua morte, permanecendo ainda um nome obscuro, não havendo quase esperança de o trazermos tão cedo ao conhecimento do público brasileiro. E isto constitui uma injustiça gritante. Porque não se trata absolutamente de um poeta mediocre que nos inspirasse simpatia só por ter desparecido no meio da sua carreira intelectual. O contacto com os seus poemas, e só isso, foi que nos trouxe a admiração que realmente devotamos à sua figura genial. A leitura dos seus numerosos poemas, daqueles poemas que, segundo a opinião de Gilberto Freyre, foram escritos da mesma forma que os de Manuel Bandeira — "como quem chora", "como quem morre" — a proximidade desses poemas foi que nos fez um baldeador incansável contra a inércia dos colegas que tinham a obrigação de projetar a obra do poeta, e até hoje não o fizeram.

Poemas como aqueles de ci-

clo de "Willy Mompon", que Mário Leão teve oportunidade de divulgar, alguns deles dos mais lindos que ele escreveu, e todos eles de um sentido estranho e grandioso; versos como "O Despertar de Mompon", o "Willy espia o banho de Judith", o estupendo "Poema a uma infanta defunta", o "Retrato de Willy Mompon, o poeta louco", onde Deolindo diz coisas estranhas e belas como esta: "E' preciso que saibais que o corpo do poeta tem a forma de um estátue"; permanecem até hoje arquivados à espera de uma publicação que já nem podemos ver mais adiada.

O poeta Jorge de Lima, como vimos numa correspondência de Deolindo Tavares para um seu amigo de Pernambuco, teve a intenção de, mesmo em vida do companheiro mais moço, patrocinar uma edição dos seus poemas. Cremos que é chegado o momento de lembrarmos que a sua iniciativa ainda continua atual. Porque não podemos conceder que isto persista por mais tempo. Que continue relegada ao esquecimento, por inéria dos responsáveis somente, toda a obra literária de um jovem poeta que já poderia ter sido consagrado como um dos maiores de quantos têm passado pela história da nossa literatura.

Aqueles de sua idade, que formaram seus colegas, e nós os de uma geração mais nova, sobre quem — a opinião é de Gilberto Freyre — o poeta Deolindo exerceu e continuará a exercer uma grande influência, temos uma missão a cumprir: a de trabalhar para que seja publicado o mais breve este livro de que tanto se falou. Então, se conhecerá o espírito de Deolindo Tavares, e se perceberá a profundezas de sua poesia.

Um poema de Deolindo Tavares

PAUSA

Neste meu simples quarto de estudo penso muitas vezes onde ideia habitar depois de mim, livros de meu agrado, retratos familiares ou de amigos, canetas e lápis com que escrevo, e o retrato de meu pai onde irá oráculo de mim? E que antigoque se cobrirá de poesia entre coisas profanas? Que destino tomará a mesa em que escrevo, a cadeira em que me sento e em que doces pessoas amadas repousaram? Onde passarão a habitar os gestos, os olhares, o contacto dos sêres que dormitam colados a essas coisas? A mão em ly de que num tempo passou no espaldar, e a tocar o poema e o interrompi em meio? E os sons das músicas queridas? e as vozes doces que vinham dos sonhos agitados e que alta noite penetravam pela janela aberta? Tudo isto oráculo de mim sem teto e sem repouso, irá procurar-me em minha tumba ou uivar pelos caminhos ermos ou vagar como cadáveres de insetos?

Neste meu simples quarto de estudo, penso nos olhares dos que me quizeram bem, nas restas que a claridade me envia, nas sombras que me envolveram de mistério na ventila que uma noite veio do alto mar com o véu de uma desconhecida atirada nas águas.

Neste meu simples quarto de estudo, penso nas flores murchas entre as páginas dos livros ou na alguma Migrânia embebida nas lettras, nos traços que sublinharam as frases mais amadas, nos pequenos insetos mortos sob minha lâmpada. Todas estas coisas oráfas de mim, sem repouso e sem telo, ficarão como sonâmbulos, como arlequins de luto?

Neste meu simples quarto de estudo, penso nas presenças que moram atrás dos vidros ou da penumbra diáfana nos maiores estudos d'alma que pairam atrás das sombras amigas — mágoas que existem atrás de chumes, desenganos que surgiram atrás de grandes renúncias, olhares que seguem passos inquietos na noite. Todas estas coisas oráfas de mim, sem repouso e sem telo, ficarão soluçando com frio nos parques sem folhas? Deste meu simples quarto de estudo vejo meus sapatos caminhando na chuva, o senhor mendigo, prestai atenção para não molhar os pés!

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXII - AUGUSTO MEYER



Augusto Meyer

Nota biográfica

Augusto Meyer Junior nasceu em Porto Alegre, em 26 de janeiro de 1902.

Faz-se professor de literatura do Curso Pre-Jurídico da Faculdade de Direito de Porto Alegre e diretor da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. Vindo para o Rio de Janeiro, tem dirigido, desde 1938, o Instituto Nacional do Livro.

Pertence, no Rio Grande do Sul, à Fundação Eduardo Guimarães e ao Instituto Histórico. Tem colaborado em diversos jornais e revistas, como, no Rio Grande do Sul, o "Correio do Povo", e, no Rio de Janeiro, a "Revista do Brasil", "O Jornal", "AUTORES E LIVROS", etc.

E casado com a poeta Sara Sousa.

Bibliografia de Augusto Meyer

- Ilusão perdida. Versos — Porto Alegre — 1923.
- Coração Verde — Versos — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1924, 2.ª edição.
- Giraluz — Versos — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1928.
- Dous Orações — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1928.
- Poemas de Bilú — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1930.
- Literatura e Poesia — Prosa — Porto Alegre — 1931.
- Machado de Assis — Ensaio crítico — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1935.
- Prosa dos Pagos — Livraria Martins Editora S. Paulo, 1943.
- A Sombra da estante — Ensaios — Livraria José Olimpio, Rio — 1947, 237 pgs.

Algumas fontes sobre A. Meyer

- Agripino Grieco, *Evolução da poesia brasileira*, Rio de Janeiro.
- Agripino Grieco, *Gente nova do Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1935, p. 328.
- Alvaro Moreyra, *Coração Verde*, in *Para Todos*, 12 — fevereiro — 1927.
- Andrade Murici, *A nova literatura brasileira*, Porto Alegre.
- Alegría, Livraria do Globo, 1936, p. 33.
- Andrade Queiroz, *Poesia Nova*, in "Diário de Notícias", Porto Alegre, 30 — setembro — 1928 (sobre "Giraluz").
- Antônio de Alcântara Machado, *Dois poetas*, in *Revista de Antropofagia*, Ano I, No. 6, outubro de 1928 (sobre "Giraluz").

DE UM LEITOR DE ROMANCES: ALENCAR

Relendo, por volta dos quarenta, os romances devorados na adolescência, quando o mundo é enorme, e parece insopável a disponibilidade da fantasia, compreendemos a importância do educação sentimental contida nos livros de ficção.

O que predominava no leitor monstruoso que já fomos: um dia, era a felicidade de criar, acima da realidade, um ambiente de refúgio, onde tudo palpita de uma vida mais intensa. A fome dos desejos, dos inventos e impuros desejos, vestia as asas do sonho, e abrir o livro era liquidar os cuidados importunos, cortando qualquer nó de um só golpe, ao simples vibrar das folhas.

Tudo isso, repetido vezes sem conta, e criado o hábito de fuga, é claro que valviamos a este mundo estreito com uma vaga saudade daquele outro, onde não havia sabatinas complicadas nem deveres urgentes para com a família.

E' quase sempre no ginásio, aliás, que a sedução dos primeiros romances começa a exercer o seu império sobre o adolescente. A monotonia mesma da rotina escolar serve nesse caso de contraste oportuno; de súbito, no meio da aula, lógica, a "Prece" do Guarani, ou qualquer página de grande escritor, destinada a agitar a imaginação entorpecida, cal sobre o incerto como um doce raio de luz, provoca a fermentação dos devaneios, e o livro cartonado e sujo, que parecia a bíblia do tédio, abre-se em perspectivas de mistério e delícia. Começa uma vida nova para o leitor que desabrochou agora mesmo no estudante bisônico.

Gula das leituras intermináveis, noite a dentro, acompanhando a sorte dos heróis com verdadeira angústia, enquanto os adoramentos rondavam a concentração do visionário, sem licença de entrar. Era uma ebriez como a outra e devorava, ao passar, um gosto melancólico de cabo da guarda-chuva — a nostalgia de um paraíso perdido.

Ainda hoje as edições Garnier de capa vermelha me percorrem como velhas frágeis mal recicladas. Não dizer o nome, rumino compasso, quanto sono está enterrado naquelas relíquias, nem o mal que me fizeram aos quinze anos.

E' em vão, por exemplo, que Alencar se reveste de outra roupagem e resurge sob a cor da fôlha morta neste edição Melancolias, por si só bastante melhorada, como leitura gráfica e revisão do texto. Quando abro o volume, tenho a impressão de retomar o mesmo exemplar antigo, e apesar da brochura e da cor, parece que é a mesma capa encarnada que estou sentindo entre as mãos.

Mas o leitor mudou. Apalpa desconfiado o miolo do livro, talvez com medo de não encontrar mais a ilusão de outros tempos, quando passava horas no ônibus literário e viajia, estrado na cama, as aventuras de Arnaldo Loreto, o sertanejo, ou do atílio Estácio das "Minas de Prata". Parafaseando o provérbio alenciano, ninguém passa impunemente à sombra das paineluras de Alencar.

Para os meus quinze anos, foi um verdadeiro delírio, a ponto de sonhar acordado com as grandes figuras que se moviam com tanta graça e dignidade sobre um fundo magnífico de selvas, largas praias e horizontes transfigurados pela glória de outro sol, maior que o nosso de cada dia. Como sediam amar e lutar aquelas fantasmas bem fábulas! Resplandeciam de uma beleza excessiva, quase inaturável para os limites humanos da admiração; por isso

João Pinto da Silva, *Vultos do meu caminho*, 2.ª edição, 2.ª edição, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1927, p. 186.

Kalender für die Deutschen Evangelischen Missionen in Brasilien, 1931, Jr. 10, p. 119.

Lúcio Miguel Pereira, *Livros*, in "Gazeta de Notícias", 15 — setembro — 1935 (sobre "Machado de Assis").

Luis Delgado, *Notícias de livros*, in "Diário da Manhã", Recife, 26 — abril — 1933 (sobre "Machado de Assis").

Luz Vergara, *O que se escreve*, in "Diário de Notícias", Porto Alegre, 1 — fevereiro — 1927 (sobre "Coração Verde").

Manuel Bandeira, *Literatura*, in *Revista do Brasil*, 15 — Janeiro — 1927, p. 41 (sobre "Coração Verde").

Rui Cirne Lima, *Ad Augustum...*, in "Correio do Povo", 13-1-1927 (sobre "Coração Verde").

Tasso da Silveira, *A confusão dos gêneros*, in "A Nação", 25 — agosto — 1935 (sobre "Machado de Assis").

Tristão de Athayde, *Estudos*, 2.ª série, Ed. Terra do Sol, Rio de Janeiro, 1928, p. 17 (sobre "Coração Verde").

Tristão de Athayde, *Estudos*, 3.ª série, ed. de "A Ordem", Rio de Janeiro, 1930, p. 67 (sobre "Giraluz" e "Dous Orações").

Viana Moog, *O livro de Augusto Meyer sobre Machado de Assis*, in "Correio do Povo", outubro — 1935.

Vinícius de Moraes, *La moderna poesia brasileira*, in "Sur", Buenos Aires, outubro — 1942, p. 25.

Paulo Arinos, *Vida Literária*, in "Correio do Povo", Porto Alegre, março — 1930 (sobre "Poemas de Bilú").

Pedro Vergara, "Postas Riograndenses".

Pierre Bourdieu, Três livros sobre Machado de Assis, in "O Estado de S. Paulo", 12 — outubro — 1938 (sobre "Machado de Assis").

Plínio Barreto, *Livros Novos*, "O Estado de S. Paulo", 14 — setembro — 1935 (sobre "Machado de Assis").

Raimundo Morais, *Machado de Assis*, Of. Gráficas do Instituto Lauro Sodré, 1939, p. 137 (sobre "Machado de Assis").

Rui Cirne Lima, *Ad Augustum...*, in "Correio do Povo", 13-1-1927 (sobre "Coração Verde").

Tasso da Silveira, *A confusão dos gêneros*, in "A Nação", 25 — agosto — 1935 (sobre "Machado de Assis").

Tristão de Athayde, *Estudos*, 2.ª série, Ed. Terra do Sol, Rio de Janeiro, 1928, p. 17 (sobre "Coração Verde").

Tristão de Athayde, *Estudos*, 3.ª série, ed. de "A Ordem", Rio de Janeiro, 1930, p. 67 (sobre "Giraluz" e "Dous Orações").

Viana Moog, *O livro de Augusto Meyer sobre Machado de Assis*, in "Correio do Povo", outubro — 1935.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXII - AUGUSTO MEYER

mesmo, deixavam um rastro de saudade ao se despedirem de nós — ora que pena! — já com um pé nos brancos da última página, rumo ao céu.

Não acabava então a história; de certo modo, para tortura nossa, ele reconhecia de outra forma, pensando em nossos amores, no decorrer do humilde trabalho quotidiano, como um jardim de quimeras e tristeza.

Pelo sim ou pelo não, devido à influência que então moldava as nossas aspirações sentimentais, entrávamos na vida prática intoxicados de um idealismo romântico bastante ridículo, se não fosse amargo e lamentável. Envoltos pela ingênuia tentativa de imitar algumas attitudes dos heróis prediletos — porque, ainda bem, o anjo da guarda chamado bom-senso nos demonstrava a impossibilidade de transportá-los integralmente da letra de fórmula para a nossa própria pele — com um pé no sublime e outro no prosaico, tropeçávamos a torto e direito, sem tirar nem uma vantagem de lição. De tanto frequentar os fantasmas, o alucinado vivia esquecido como eles. Despertava no meu sentido, evitava os choques benéficos da experiência, para poder enfiar-se na pri-muera festa de sonho.

Tivesse ao menos a amargura das desilusões um salutar efeito de comitório... Mas aquilo não era tristeza para se pôr logo, como as pequenas misérias familiares; pelo contrário, sustentava um pouco de voluptuosa, renovada o desejo do seu prolongamento, reacendendo a vontade de prová-la com nova e adocicada ternura. "Que bon é estar triste e não dizer coisa nenhuma", traduziu Alencar. A flor amarela entusiasma o leitor indejoso.

Au véses, tão intenso era o prestígio da flegma, que, entre uma certa comovimento apenas imaginada ou lida e o encantamento real das misérias humanas, a lágrima não hesitava: escolhia os olhos do leitor. Parece que a feura da realidade, com os seus arames em carne e ossos, a estancava logo, por não sei que absurdo mistério da contradição. Na fundo, a predação hipócrita de um inscrito, ansiador de sensações.

What's Hecuba to him or he to Hecuba
That he should weep for her?

Era pergunto e passo; constava apenas o prestígio das flemas e um dos extremos de aberração a que pode chegar o leitor, espécie de ator potencial, sob a influência do espírito romântico.

O leitor ingênuo, é mais acentuada a dissociação entre realidade e fikcão. O mundo presente, complexo de sensações importunas, mal consegue romper o círculo da sua concentração, a ponto de incômodo na cadeira, o peso do livro, todos os tropeços que estorvam a abstração da leitura, não sacodem o distraído nem despioram o cormunhão; esta roncando o seu lindo sono.

Porque o leitor ingênuo é realmente aior. Num folhetim ou num romance procura o reflexo dos seus sentimentos imediatos, identificando-se logo com o protagonista ou o herói do romance. O seu tipo representativo é o devorador de argumentos que salta capítulos interiros para chegar ao final e saber de uma vez qual foi o prêmio do herói, se o moço casou com a moça e o deido de Deus castigou o cínico. De tal modo se identifica com o herói, passando a rir da sua existência sublime, que desculpa saber o seu destino como quem tenta desendar o próprio futuro. Esta identificação torna a forma de um desinteresse pelo livro como obra de arte. Pouco importa a impressão literária intermediária, o sabor do estilo, a voz do autor. Ho, dentro dele uma florão de virtualidades recalcadas que, não encontrando desimpedido o caminho da ação, tentam fugir pela estrada larga do sonho. Os olhos avidos, arrastados linha a linha, pagina a página pelo galope da fantasia, estão dizendo: esta é a verdadeira vida, a outra não passa de um pesadelo.

Assim éramos nós então, por não sabermos ler nas entrelinhas. E daquela primeira fase de educação sentimental que parecia iniciatriz como as espinhas, passava quase sempre o jovem monstro para uma crise de hipocrisia. Devido à necessidade de um restabelecimento de equilíbrio, o excesso engendrava o excesso contrário. Pouco a pouco, os românticos perdiam terreno em proveito dos naturalistas. Dava-se uma verdadeira subversão de valores na escala da sensibilidade, e a fantasia comprimia-se em derribar os antigos ídolos. Formava-se muita vez, coincidindo com manifestações mórbidas que são do domínio do psicanálise, um pedantismo da clarividência, tão nocivo como a intempérie imaginária ou sentimental, e talvez mais ingênuo, pois reflete um ressentimento de namorado ainda ferido nas suas primeiras ilusões.

*

Só mais tarde, se há o gosto permanente da leitura, o leitor de romances perde essa faculdade quixotesca de se encarnar nos heróis românticos, fazendo da sua vida uma esforçada imitação de arte, ou reagindo candidamente contra o seu prestígio. Com um pouco de disciplina literária, aprende a se desinteressar da pura fikcão, já não salta sobre os capítulos, na pressa de conhecer o seu destino, pôr para lá agora viajar e mais interessante do que chegar.

O autor transformou-se em espectador. Removida a atenção da encosta para o estilo, do imprestado cénico para o imprestado da interpretação, descobre o encanto numeroso da literatura, que está mais no prímo do que no objeto.

Entre neste caso, como fator importante, a sensualidade da leitura, que é o reverso da ingenuidade. O leitor sensual cultiva a pausa consciente e lúcida, desperta por prazer de análise, interrogando o autor em pleno voo para apalpar-se cautelosamente, esclarecendo as origens da sua emoção e medindo a parte de intérprete que lhe cabe. Vive mais na ambigüidade imediata, embora seja capaz de uma abstração mais delicada. A dela incomprem, o conceito fino são bons pretextos para fechar o volume e sorrir — um pouco a si mesmo, um pouco no fantasma que anima o texto.

Se nesse leitor arrejeçido esmorece o interesse pela fabulação, por outro lado observamos que ele aprende a cultivar o romance como documento psicológico e valor de arte. Além do prazer que proporciona a experiência psicológica romântica na obra, há um sabor especial na aventura psicológica do autor às voltas com as suas criaturas imaginárias no mundo da ficção.

Um bom romance apresenta sempre a unidade de uma consciência que se revela, será como está, um mundo fechado dentro da sua órbita, girando em torno do seu eixo. E o grande

DO CADerno AZUL

AUGUSTO MEYER

Passamos por cima da solidão para não vê-la como quem ilhe não ver a ve-lhe espiando no capelinho pela primeira ruga fraca, como quem não quer ouvir a primeira foice nas palavras de amor.

O homem leido ao clarão da lâmpada acende um cigarro, olha em volta, aconcha. Onde estão as loucuras admirações que ardorem no meu sangue? Sou eu mesmo quem le este poema de outro homem que agora só vive na página impressa? Onde está ele? Onde está o meu "eu" de há dois minutos?

encontro da ficção está justamente em proporcionar ao leitor a conquista desse mundo sempre novo, singular e imprevisto. Se não fosse a literatura — poesia, ficção — nada saberíamos do mistério individual dos outros, nem, de sentido profundo da sua consciência, nem, por conseguinte, da multiplicidade psicológica do homem.

Por que motivo, pois, não poderá ser o nosso mundo interior uma espécie de "Nu e uma noites", um romance de todos os romances? E por que razão não podemos considerar o romancista a principal personagem da sua obra? Assim debatia comigo, ao reter o impetuoso Alencar. Ou melhor, ao ver: a sua obra entra pelos olhos como um filme, ela é subretudo supêndio visual, sucessão de quadros vivos e ondulados, com vigorosa concentração de luz sobre os episódios principais e, de vez em quando, o emprego da estratégia operária. Que soberano desprô da verossimilhança! Que insolente admirável seu viu como for, em que o poder de inventiva leva tudo de arriado e a poesia tudo encobre!

E' verdade que não se encontra praijudez alguma nessa riqueza de imagens; trata-se de uma obra construída em superfície, notável pelo poder descriptivo, mas não acede a ninguém procurar nos suas páginas outra coisa sendo o encanto dessa superfície. E' belo o espetáculo e como tal satisfaz.

Só depois de algum tempo, meio deslumbrado ainda, o expectador sente uns príridos de crítica a perturbá-lo a plenitude. Recobrando o equilíbrio aos poucos, tenta reagir contra as primeiras impressões. Por mais que ele queira ficar na emoção original, o demônio da análise entra a coelhizar ao seu ouvidos as objeções incutíveis: que, afinal, há um autor à sombra de tudo aquilo; que um romance nunca é para objectividade; que...

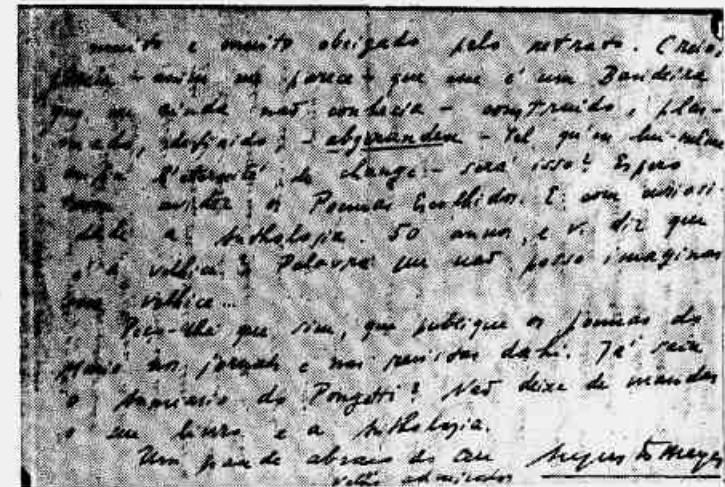
E a ruminación interior então lhe mostra como é importante nessa obra o orgulho, sinal de nobresa e levadura, considerado valor de simpatia no desenho da personagem, as rês postizadas ate o arbitrário. Note em tal continuidade, não só uma boa veia poética a explorar conscientemente, mas um automa subjetivo, talvez uma preferência reveladora.

Sentindo próxima a vitória, o demônio acrescenta:

"Veja você como a obra de Alencar nos revela uma transpo-sição de sentimentos pessoais para certas personagens mais envolvidas pelo prestígio romântico, sobretudo as mais equívocas e uruguhas, quase doentes de alicerce: Arnaldo, o sertanejo, Manuel Canho, o gaúcho que aprendeu no trato com os homens a administrar cada vez mais os bens, o Estácio das "Minas de Prata", o Mário da "Tronco do Ipê". Alguns tipos femininos igualmente refletem a persistência dos mesmos traços de soberba: a Aurelia de "Senhora" chega aos requintes do capricho, e penso que há muito de teimosia de Alencar em seus assomos de rainha ofen-dida. Veja também... e mais ainda... e o... e u..."

*
... Sim, é em nós mesmos que está o melhor do romance e não há personagem que se compare ao autor.

"Rev. do Brasil" — Maio, 1941.



Autógrafo de Augusto Meyer

Mal subiu, porém, do fundo da nossa angústia, este grito já passou. Onde está a minha voz de agora mesmo, onde estou eu? Por isso às vezes a impossibilidade de tentar qualquer coisa, de começar alguma coisa, vem simplesmente da fria certeza: também isto há de morrer. A ação gosta de falar em voz alta para não ouvir a voz interior. Mas o próprio éco é uma ironia, um a paródia maliciosa, como se alguém repetisse cada palavra dita em voz afirmativa num tom surdo, morto, amordendo. Quantas vezes, quando afirmo alguma coisa, é para convencer a mim mesmo e não ouvir a voz do outro.

Viver assim não é viver. É sentir a todo instante a vertigem da lucidez. Recomenda-se muito um pouco de surdez mental. Que parado, esse paraíso sem mistérios que é o sonho da infância! Vizão de uma cidade sem nome: nem vestígio de sombra pelas ruas, o casas de vidro apenas revelam o tédio das evidências sem penumbra. Todas as paredes são transparentes, não há mais negredos, não há mais recatos, e portanto não há mais aventuras.

Que fazer, então, com as mãos inúteis e as pupilas vazias nessa estranha cidadela de cristal, onde a lucidez de tanta claridade, se transforma em cegueira? Um desespero insondável como a angústia que sentimos, noite alta, em face do céu cheio de estrelas e vazio como o nosso terror des-lumbrado, quando, por exemplo, imaginamos que, no chegar até nós a sua luz, decretou há muito tempo aquela estrela rosa e azul já morreu.

Só a fôlha em branco exprime integralmente o que nós somos. No momento em que as palavras caem sobre o papel, começam a limitação inevitável da riqueza virtual. Miséria de todos os livros, cartas, confidências, tentativas de expressão. Re-leio o que acabo de escrever e vejo que a letra matou o espírito. Então, por que esta tendência para transmitir aos outros o indizível que eu cinto em mim, batendo asas na gaia?

Ilusão dizer que tudo em nós é monólogo e só escrevemos para nós mesmos:

CRONOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

1651 — Falecimento de Manoel de Moraes.
— Falecimento de Frei Paulo da Trindade (25-1).
1652 — Nascimento de Nuno Marques Pereira.
— Nascimento de Manoel do Desterro.
1653 — Nascimento de Domingos Ramos (27-4).
1655 — Nascimento de Gaspar Ribeiro Pereira.
1656 — Data conjectural do nascimento de João Mendes da Silva.
1657 — Nascimento de José Borges de Barros (18-3).
1658 — Nascimento de Gonçalo Bavaresco de Albuquerque Cavalcanti.
1660 — Nascimento de Se-

bastião da Rocha Pita (3 de maio).
— Nascimento de Antônio da Piedade (Padre).
1663 — Nascimento de Frei Manoel da Madre de Deus Bulhões (6-11).
— Nascimento de Sebastião do Vale Fontes (20-1).
1671 — Nascimento de João de Brito Lima (22-10).
1673 — Data conjectural do nascimento de Prudencio do Amaral.
1676 — Falecimento de Diogo Gomes Carneiro.
— Nascimento de João Alvares Soares da França (8-9).
— Nascimento de e

Gonçalo Soares de Franca.
1677 — "Ecce Homo", de Eusebio de Matos.
1678 — Falecimento de Eusebio de Matos.
— Falecimento de Antônio de Sá (1-1).
— Publicação da Escola de Belém. Jesus nascido no presépio, de Alexandre de Gusmão (1.º desse nome).
1679 — Comegam a ser publicados os Sermões do Padre Vieira, em 14 vols.
1685 — Nascimento de Bartolomeu de Gusmão.
— Falecimento do Domingos Barbosa (22-11).
— Publicação da História de Predestinado

Peregrino, de Alexandre de Gusmão.
1686 — Nascimento de Frei Francisco Xavier de Santa Teresa (12-3).

1687 — Nascimento de Frei Mateus da Encarnação Pina (23-8).

1689 — "Publicação das meditações para todos os dias da Semana... de Alexandre de Gusmão (1.º desse nome).
— Nascimento de Valentim Mendes (Padre) (10-4).

— Nascimento de D. Luiz Caneiro de Noronha.

1692 — Falecimento de Eusebio de Matos (7 de julho).

(Continua)

tudo é diálogo entre a palavra e o silêncio, entre o autor e o censor ideal, entre a personalidade que se deseja integral e o eu momentâneo que escreve como as circunstâncias permitem. Já no ato de projetar sobre o papel o mototípico ou a ideia, começa uma dissolução insidiosa, uma conversa de écos, uma cena dramática. Todo esforço literário é drama ou comédia. O vidente e a realidade se contradizem.

No silêncio do gabinete, um tumulto de vozes internas.

No simples gesto de escrever, quanta energia se queimam? A interdependência das forças naturais está no meu olhar que acompanha estas palavras escritas, na minha mão, instrumento doível admirável, deslizando sobre o papel. Sou toda uma complexidade qualitativa, e no ângulo extremo do espírito — eu — o vigia debruçado no pôco confuso das sensações. Elas passam pelo filtro das idéias, gota a gota, e vão criando asas. Mas também vão gastando o corpo, marco palpável do presente, entre o passado e o futuro. A agonia vive nela como boca insaciável, a agonia que vem da fome de ser. Pois o instinto possui duas faces, voracidade e estabanamento, quer devorar e gastar-se ao mesmo tempo, egoísta pródigo. Fome e amor na raiz da carne fome carnal e espiritual. Pensa nessa outra maneira de ser que é a gata na orgia trágica. Vibrar. Mas, quanto mais intensa a vibração, tanto mais rápido o esgotamento. Gole grande, taça vazia.

Por isso, o sentido do valor terrível que há no presente... Levarás muito tempo a compreender como é precioso e frágil este "agora" na sua fluidez. Acorda um momento, e verás a criatura única e irreversível que é neste minuto, neste segundo — qual será o teu limite? E podes acreditar no teu limite, quando precisamente um imperativo de ilimitação é que lhe dá sentido e clima?

As ameixas arredondam a pele vermelha no fundo do prato azul, enormes assim mergulhadas na água gelada. Na palma da mão, o contacto húmido torna o sentido de uma carícia, gotas brilham, o cheiro excitante é um ante-gosto delicioso. Mas — oh! mestres irrefutáveis — poderei afirmar que o fruto existe? Desde já eu sei que ele

morreu, transformado em gozo, na minha boca. E só ficou a tristeza insaciável dos lábios fechados.

Um gesto impaciente (porque a janela resiste), uma vontade de ar puro depois desta névoa interior do cigarro e dos livros — e os batentes se abrem para o mergulho do olhar no espaço gelado. Céu noturno, em cada estrela os meus olhos poem o reflexo do espanto que arde nas minhas pupilas. Aqui a transparência chega ao limite contrário e se torna opacidade. Perdido no meio da pontuação cintilante, que ponto escolher para traçar a minha constelação? As linhas ideais que imagino, partindo de estrela a estrela, formam uma rede intrincada e nunca chegarão ao fim. Poéira poeira das encruzilhadas... Meu passo perplexo se perde. E depois de algum tempo de contemplação, apenas fica a surpresa medrosa do homem perdido em si mesmo, um desejo de voltar aos limites protetores, ao refúgio da casa fechada.

O gato cai sobre as quatro patas; é inútil fugir da poesia.

Nós nos deformamos a todo momento, voltados para a exterioridade. Os outros e a aventura do acaso nos remodelam à sua imagem e semelhança, e, assim, o que parece uma evolução inferior, não passa de pobre mudança reflexa. Quase todo o nosso comportamento é impersonal e não apresenta nenhuma defesa contra as variações exteriores.

Melhor não ver? Sim, melhor quando precisamos da ação sem conciência. Mas, quando queremos voltar à forte interior para tomar pulso à vida, para medir a fração inevitável do erro, entramos sentidos a imensidão de cegueira quotidiana em que andavamo perdidos. Perguntamos: era eu mesmo quem fazia isto ou aquilo, quem tomou essa feição aburda e se renegou cento vezes?

"E está demonstrado o teorema", declarava o meu professor. Os seus olhos resolutos nada viam. Ora, após a demonstração, o silêncio malicioso refluxia, calmo na sala como a areia do tempo. O silêncio era um quadro negro. E eu sentia os meus cabelos crescendo na cabeça como ganchos de interrogatório.

Não desemos ao silêncio,

verdade e morte: ficamos na mentira, vivemos.

Meus olhos estranhos não reconheciam o quarto. Pela fresta aberta no alto da janela entrava a luz do dia que morre e não volta nunca mais. Não é preciso repetir as duas palavras com aquele acento cavernoso que as "diseuses" poem no refrão do "Corvo", para sentir o irremediável dessa ideia tão quotidiana e tão esquecida. A sensibilidade do momento desvia a nossa atenção, e não pensamos na hora que passa, vivemos esperando a que virá — com todas as suas promessas.

O sono, porém, introduz na inconsciência vital despreocupada a consciência do tempo: acordamos de subito e os nossos olhos não reconhecem logo o mundo familiar, pois durante o sono elas mudam. Enquanto as pálpebras coladas, os membros frágeis e a respiração serena marcavam a pausa da vida, numa impressionante imitação da morte, qualquer coisa morreu em nós, qualquer coisa passou para sempre e não volta nunca mais.

Pela fresta aberta no alto da janela, um resto de claridade agoniza, filtrada pelos olhos hesitantes, anunciando a marcha insidiosa do tempo, que não precisa de nós para transformar tudo e avançar, avançar sem fim. Os olhos abertos estão

vendados pela ilusão de uma realidade que parece estável e é uma fuga traiçoeira. O sono, imitação da morte, revela o verdadeiro sentido dessa dissolução lenta — o homem "acorda".

Mas, às vezes, abolido o tempo, e num estado de semi-vigília, a imaginação viaja no reino do absurdo. Hoje é ontem ou amanhã? Parece que já estou vivendo depois de amanhã? A estranha sensação de deslocamento me transporta a uma distância enorme daquela "eu" que se deitou — quando? — cansado e triste, depois de ler o que? Vagas intuições do sonho sonhado há pouco atravessam o meu torpor, sombras de imagens diluídas, fantasmas que reclamam o direito à vida e querem cochilar um segredo extraordinário. Inistem, batem baixinho às portas da consciência com mãos apressadas e invisíveis. Pálido, aparece na transparência da água verde o naufrágio pensativo. Debruçado à borda de um pôco, eu pego um cigarro ao meu irmão que morreu. "É inútil insistir", diz alguém dentro de mim, mas no fim do corredor há vozes desesperadas, discutindo uma questão de magna importância para os destinos do mundo. Nós somos os semeadores, nós somos os faróis da humanidade aos pés do Eterno. Que pura música atravessa o tempo?

Para Livros
use o
CREDIÁRIO
da
CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

A VIDA DOS LIVROS

MANUEL BANDEIRA — *Majá de Malungo*. Jóias onomásticas e outros versos de circunstância. O Livro Incomum. — 1948. — 77 págs.

Eis um livro que já se constitui uma preciosidade bibliográfica das letras brasileiras. Basta dizer que foi tirado em uma edição de cento e dez exemplares, fora do mercado, destinados unicamente aos amigos de Manuel Bandeira. Há outra particularidade, que encarece o seu valor: foi impresso pelo poeta João Cabral de Melo, atualmente em Barcelona, como nosso agente consular. *Majá de Malungo* encerra uma parte secundária da poesia de Manuel Bandeira — os pequenos divertimentos a que ele se dá com os seus amigos, semelhantes a outros que foram outrora tão do gosto de Mallarmé. É claro que no meio dessas brincadeiras, há coisas graves e sérias, páginas que não compreendemos deixem de figurar nas *Poemas Completas* de Bandeira: está nesse caso aquele delicado soneto feito à maneira de Olegário Mariano, e sobretudo aquele soneto em acrostico, trazido em versos ronsardianos, em que achamos celebrada a beleza de uma das alunas do poeta, Helena de Oliveira.

*
JAIME SABARTES — Picasso, an intimate portrait — Prentice Hall Inc. — New York, 1948, 230 págs. Preço 5 dólares.

Da Editora Prentice Hall, Inc. de Nova York, recebemos a obra de Jaime Sabartes — Picasso, an intimate portrait. Na relação bibliográfica do autor, achamos menção de três outros trabalhos de sua larva dedicados ao grande pintor espanhol contemporâneo: Picasso en su obra (Madrid, 1935); Picasso et l'Insigne del Pesse d'Oro, 1937; Picasso (Collection Couperus des maîtres).

Trata-se, pois, de um critico que já tem por si a consagração universal, como mestre em assuntos referentes a Picasso.

A edição a que aqui nos referimos vem ornada de formosas reproduções de quadros do mestre malagueño.

*
PAULO DUARTE — Palmares pelo arreio — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1947, 422 páginas.

O livro do Sr. Paulo Duarte é a crônica da revolução constitucionalista de São Paulo, em 1932.

Essa crônica pode ser encarada e estudada por vários ângulos: nela o sr. Paulo Duarte é o jornalista, é o romancista, é o poeta épico, é o sociólogo, e é sempre, ao lado de tudo isso, o paulista de inquebrável fibra, apaixonado pela causa que desposou, sofrendo por ela, por ela arrastando todos os sacrifícios.

É claro que um livro de tal natureza, um trabalho de tais perspectivas, está destinado a provocar as reações mais diferentes. E se por um lado os adeptos das idéias paulistas de 1932 — que eram verdadeiramente as do Brasil — leão com carinho e entusiasmo, e alguma vez até com lágrimas nos olhos, essas intensas e pungentes narrativas, por outro lado aqueles que estiveram contra os revolucionários handelmanns — isto é, todos os adeptos da situação getuliana —odiariam estas páginas.

Paulo Duarte leva a sua narrativa até ao momento em que os revolucionários paulistas vencidos, deixam a terra da pátria, condenados às agruras de exílio... "E antes que desaparecesse o presídio Fernando de Noronha, um dos expulsos lançou dentro da noite as primeiras

(Cont. na página 51)

PAGINA DE AUTORES NOVOS

XVIII — Selene de Medeiros

Cantico Pagão

Tu estás dentro de mim, dentro do beijo ardente, com que a boca te cingiu, em dolo frenesi... dentro do sangue meu, de peito que, fremente, eu sento no teu peito, a palpitar por ti!

Estás na meu passado, estás no meu presente, na minha sonhos que sonhei, no Deus em que descrevi... minhas fressas ilusões que tive, adolescente, mas lágrimas de amor mais acesas que eu vesti!

Quando em longínqua infância, eu via, deslumbrada, esla em ronrone, um poente, um raios de alvorada, era tu tu que eu via, imóveis de esplendor...

Hoje nas veias trago o estribo das matas, a cõr do sol, a aurora, a voz das cataratas, porta que meu sangue estua e nela fez-se o amor...

Suite

Nosso amor é clareira verde da floresta!... Tete — um lindo doce de lâminas entranhadas... Canhão — o velho chão da folhas machucadas... e em tudo a hora dormente e lânguida da sesta...

Não viram quando entramos juntos, de mãos-dadas, no amanhecer generoso e bom da mata em festa, as aves que, uma atenta, outra furtiva e lesta, pairavam sem rumo ao seio das ramadas...

Que silêncio — disseste — E eu disse — Quem fala? Que estímulo — disseste — existe no ar, em tudo... E eu disse: o mato nunca vi tão triste e mudo...

Mas, chegados ao chão, vimos de espanto — a espanta, que nunca havia o mato assim ficado tanto... Amávamos nós dois... Toda a floresta amava!

A Noite Sobre Nós

Não... não temas a noite... A noite é um telo amigo... é um serralho silencioso, quieto, acolhedor... Não vés que o chão de terra afaca, cesso abrigo, está macio e quente, e cheira como flor?

Não, não temas, querido... Abraça-te comigo hasta alcova sem fim, de tédio negr... Porque tremer assim de insulto perigo, se tens o meu queixume, a voz do meu amor...

A madrugada, a aurora — andeios a esquecer-las... No céu somente há círculos — círculos como estrelas, ponteando mudamente o nosso intenso encontro...

Tu, tão forte, tremendo num pavor de oração... Eu, pequenina, entre o teu medo e a noite mansa, erguendo a alva muralha estuante do meu seio...

Alma e Charco

Na estrada retorcida ao sol deserto e pleno, a popa de água em brejo é um turvo olhar que dorme, que espalha a morte, a dor, distila o seu veneno, vingança de não ser um rio manso e enorme...

MONTEIRO LOBATO

A 4 do corrente, o Brasil sofreu uma grande perda, no terreno espiritual: o falecimento de Monteiro Lobato. Tinha 65 anos de idade o admirável escritor, e seu falecimento foi motivado por uma congestão cerebral. O enterro realizou-se em São Paulo, e teve o aspecto de uma consagração pública.

Monteiro Lobato era justamente querido e admirado. Homem de raríssimo talento, escrevendo uma prosa inteiramente sua, criadora de um estilo crespo e fulgido, digno de ombrear com o de Camilo, o de Pialho, o de Machado e o de Rui — ele foi, também, o homem de ação, o patriota ardente, incansável, quase díramos apostolar. Fez algumas campanhas nacionais da maior significação, como a do livro infantil, como a do petróleo. Em ambas, teve a felicidade de se saber inteiramente vitorioso. Na última — a do petróleo — arroucou prisões, perseguições, odios de toda a sorte. Mas jamais deixou de afirmar que havia pertuído em nosso país. A verdade estava com ele: hoje sabemos o quanto era errônea e mesmo inopata a tese de certos engenheiros oficiais, que se metiam dentro de seu estranho saber para assegurar que a natureza havia negado a todo o território do Brasil o precioso combustível!

Espirito irreverente e insubmissa, daqueles que, como Capistrano, só a contra-gosto consentem em pertencer à sociedade humana, Monteiro Lobato há quatro anos, desdenhou ser eleito para uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras. Fez-lhe, em 1944, oferecida, por um grupo de dez acadêmicos, a sucessão de Alcides Maya. Conhecem todos as circunstâncias em que o autor de *A Berca de Gleyre* recusou aceitar a sua indicação, a qual já se achava formulada.

Monteiro Lobato pertencia, entretanto, à Academia Paulista de Letras, e ali ocupava a cadeira nº 39, criada por Pedro de Toledo e patrocinada por Gabriel Rodrigues dos Santos.

Não há quem vindo longe logo não transforme em medo, é angústia, é pressa, o olhar que era sereno... Ao ver essa pupila inmóvel, uniforme, sem dom de palpitar, ou grata de um aceno...

Carneiros-de-boia e tropas passam pela estrada... locomotivas negras, de agressivo porte, rasgando o azul-marinho à noite constelada...

E a poça de água em brejo, escura, o céu escuro, que reflete não pode, e libreta brilhante, seu halo de angústia, e de asfixia, e morte...

II
Noite passada, entanto, lugubre e silenciosa, fria de luar e névoa, como um cemitério, quem debrecasse o resto áspero olhar funerário, veria que esse brejo esconde avaramente

a branca gestação de um cemitério mistério... Lírios se abrindo no céu, multiplicadamente... Horizonte dessa lama a pele transparente, transmitindo esse lodo em vago aroma estérco...

Quantia alua existe a inveja, a morte, o horror distilar! E um dia há alguém que expõe o olhar dessa pupila, e no fundo ao torvelinho, em meio as luanas,

Descobre algo fulgindo branco, inquieto, a medo, que exala ao céu perfume, em timido segredo... Lírios em profusão, num súbito estendal...

Lavadeira

Bateu lavadeira na pedra do rio... Sabão esguichando na grama orvalhada... Meia-de roupa prontinha, lavada...

Manhã nascitura, nascendo aos pouquinhos, e o sol, com prestígio de artista do povo, coiando horizontes, pintando caminhos...

Silêncio de mato, ponteado onde-em-onde de rôlas, sanhaços, anuns strevidos... Silêncio de mato é chuveiro de ruídos...

E em baixo, na curva do rio mulato, que faz travessuras e saltos incríveis, a fumaça singela da moça-do-mato...

Compasso de braços, batendo, batendo... A roupa ficando limpinha, bonita, e o vento na moça, na saia de chita...

Moreno de Jambo, mostrado com graça de um paíño de joelho, que a terra compõe, que a saia mal cobre, onde franzie e arrrega...

E as mãos ocupadas, lidando, ensabendo... Prendendo outras pegas, torcendo as primeiras... Salpicos pingando das mãos lavadeiras...

Espresso escorrendo na pedra do rio... Parece um sorriso num rosto caboclo... Um rosto tão sério — um sorriso vacío...

E no som do silêncio matuto e dormente, o bate-re-bate ressoa perfeito, escândalo, vala, total desrespeito...

O sol, que sofría do mal-parcimónia, violenta de subito as nuvens mocinhas, trespassa-as de luz, sem pudor, cerimónia,



Selene de Medeiros

Sorri para o rio, sorri do vexame das nuvens que fogem, correndo conturbado... E fica sorrindo, brilhando satisfeita...

Efectivo, alegre, de olhar que se grava, no corpo despido da roupa que expõe, no preto cabelo da moça que lava...

Então, sem notar quanto fica facilmente, levanta-a dona da roupa, e se apressa... E à testa sem nuvens, há gotinhas de espuma...

Gotinhas de espuma no colo redondo, na volta de peito, que espuma sobre, na saia de roda, seu corpo compõe...

E ao gesto furtivo que faz, quando erguida, um bando de rôlas se assusta nos mimos e toca alvorada nos dentes passarinhos...

Alarme de pesos, enxifro alarido... Não foi madrugada quem trouxe esse dia, foi simples rufar do mais simples rufido...

Só agora amanhece de rijo e verdade... O mato girendo na roda das cores... Cigarras, alhetas guardadas nas flerte...

Lá vai, lavadeira... Mas volta, e no rosto... A trouxa a cabeça, sumindo... O brago acimando num tom de zé-legal...

E o rio, colado, seguindo no encalço... Alarga-se, e retrae-se, vira, desvia... Com ruiva das margens... Com ruiva das margens...

Ética, História e Legislação Jornalística

MUCIO LEAO

Primeira parte: louvor à imprensa.

O jornal, elemento característico do mundo contemporâneo.

— Rápida síntese da evolução da imprensa no mundo

Roma. *Theophrast Renaudot* (1586-1630); o

Bureau d'Adresses et de rencontra;

e a *Gazette*. A imprensa na

Revolução Francesa. Marat.

Desmoulin. — Alguns mo-

mentos culminantes do jornalismo universal. Poder de Swift.

Zola e o caso Dreyfus. O *Times*.

Dois fatos do jornal: ensaio

e a crítica. Montaigne, precur-

sor de jornalistas. Sainte-Beuve.

Anatole France. No Brasil: o

ensaio de João Ribeiro. A criti-

ca brasileira é tóda filha do

jornalismo.

Toda a história do Brasil na-

ção tem o seu reflexo no jornal.

Hipólito da Costa e a Inde-

pendência. Evaristo da Veiga e a

preparação para o Império de

Pedro II.

A Regência. As revoluções

liberais de Pernambuco reunidas em Frei Caneca; Luis Ga-

min; Rui e Patrocínio; a Aboli-

ção. Quintino Bocaiuva e Rui:

a República. A imprensa e as

dúas grandes guerras. A im-

prensa e a revolução de 1890.

A imprensa e a queda do régi-

meo ditatorial.

Segunda parte: Os males da

Imprensa. — O jornal como

veículo de descrédito e desme-

rialização. Opinião de Rui só-

bre o bem e o mau jornal. A

calúnia e Prudente de Moraes;

e Campos Sales; e Osvaldo

Cruz.

Palavras de Thiers a Victor

Hugo.

— Exercício Parte: A ética jor-

nalística nos nossos dias: in-

strução e sobrevisão educação.

Função da família e principal-

meio dos pais.

Preceitos da ética jornalística.

Deveres do jornalista para

com o seu jornal, os seus che-

fes, os seus colegas, a sua so-

NOTA SOBRE SELENE DE MEDEIROS

Selene de Medeiros nasceu na Bahia, e é filha do Dr. Bernardino de Sousa e D. Maria Olívia Carneiro de Sousa. Pelo lado materno é neto do Professor Caetano Ribeiro. E diplomada em pleno pelo Conservatório da Bahia.

Reside no Rio de Janeiro, e é funcionária pública.

Exerceu:

— Alvarada, 1917. Tua prefácio de Alvaro Pimenta.

— Gota d'água, (Verac.). Esta inédito.

ciedade, o seu país. — Rui é a defesa das pretas (Cortinas de Jogo). O público e a atitude dos jornais. Censura dos leitores. O Jornal e a propaganda. A questão dos anunciantes. Certos jornais americanos têm códigos éticos. Entre outros, o New York Times.

Homens e Algas

OS PESCADORES

Othon d'Eça

Janeiro — 1945. Coqueiros.

Domingo. O sol derrama por sobre o mar uma poalha de prata que cintila e que palpita como o ventre de um réptil.

O dorso da Costeira, as encostas do Rio Tavares, mesmo os Baixios e, mais longe, o morro do Ribeirão até ao friso violáceo dos Naufragados — escorem claridades, mostram salinheiras frescas e coloridas, como se um mundo novo tivesse surgido das espumas, do fundo misterioso da vaga.

A busina do peixe vai deixando na estrada uns sossos recuros e espaçados, feitos de mugidos.

— Será o Moisés?

— Não. É o Doca.

* * *

Cerro um momento os olhos para recordar, para sentir uns retâlhos de impressões que nunca mais morrerão dentro de mim, porque são feitos de pedaços de minha vida e têm a mim como eu.

Parece que foi ontem! A praia estava cheia de gente; naquelas tempos qualquer cristão podia comprar o peixe que quisesse: corvinas ou papo-de-pé; pescadinhas ou culipadas e até linguidos e garoupas.

A rede do Romão acbarria de chegar do canal. A caça fôrta farta; a peixaria ainda não fugira das baías e dava gosto se passar uma noite no mar.

— Quem é aquele pescador?

— É o Doca. Está de novo nos Coqueiros.

Era um homem musculoso, cór de alecrim, d'osso longos e fortes como mourões. Cubelos negros, luxídos e ásperos como cristas de potro.

Grandes mãos lanhadas pela salmoura. E um olhar firme e agudo como as gaivotas.

* * *

Depois a vida rodou por sobre ele.

O Doca passou a ser um farrapo d'homem: esfido, descolorido, a barba muito rala e tóde branca.

Os relâjos já não luziam como pike: empastados nas tempos duros, pareciam restos escardados de estôpia.

Não caminhava; os seus passos tracjavam no chão lichas vacilantes. Quase nem podia suportar o peso do balaio.

— Mas V. Doca, assim doente ainda vai ao mar?!

— As crianças carecem comer.

O Doca estava morrendo de uma lenta miseria.

Tivera a sorte: uma noite nos Ratones lhe bastara!

E a ameaña, cada manhã, ia apagando aquela homem desmorrido, sempre fatigado que tinha de ir ao mar porque as crianças careciam comer!

* * *

E quem pensaria!

O Sol se aproxima. Segue-o o povo. Ninguém ficou em casa, nos panos, mesmo doente: a brincadeira é mais forte do que tudo.

— E o nosso divertimento... Já foi dos nossos pais... Não há outro!

— E quem vai de cavalo?

— O Estêvão. Brinca que vale a pena. E que firme no laco!

No terreiro em frente à minha casa o povo se aglomera, embrevedido, os olhos ávidos num silêncio de igreja.

Cantadores chamam o boi, que se precipita, espantado, marrando os dialetos, abrindo espacos, atacando mesmo os que se debatiam na cerca, de lado de fora...

— Era louco!

Em seguida o Mateus, todo enfeitado de tiras coloridas de papel de seda, o chapéu de bico, a varinha na mão.

Depois... o boi adoeceu: está caldo, os grandes olhos de carvão muito abertos, o focinho na terra, inútil na sua armadão de bambu verde.

O cérco lastim a sorte do bicho! O vaqueiro não arranjou: apela para o doutor, que se aproxima com as suas artes numa caixa de pau, d'óculos de urânia sobre o nariz vermelho de zircão.

E bebe o tolo, com as "palmas e meravelhas e as penas do munubu..."

O boi se move, levanta, curado, e volta a dançar, até que o cavalo, que também executou os seus compassos, ondoua a sua capa de setenta azuis e batê o seu penacho de painha, obedecendo aos cantadores, isto é malhado e o arrasta para fora da cena, para o recesso das folgagens.

Há um instante de silêncio...

De fundo, os cantadores seduzem a Bernuncia...

Bernuncia, minha Bernuncia...

Bernuncia do carregão...

E entra a "executandga", como um vento, holcando o corpo para lá e para cá, a cabeça baixa, preparando o bote que nem cobra...

A Bernuncia!

Não se sabe de que fabulário ou de que floreiro ela se desprendeu.

É um bicho longo, de quatro pés, fiácido, de canda curta de bodo e com riscos negros no lombo de encôo...

Come crianças, a peata, e depois ainda fica a bater a dentuga, satisfeita...

Para o Carmim, da Pinheira, a Bernuncia deve ser uma "áima".

(Cont. na página 52)

AUTORES E LIVROS

Possuímos alguns números da primeira fase da nossa publicação. Como temos sido procurados por colecionadores que, possuindo coleções desfalcadas, procuram saber se dispõem dos números que lhes faltam, publicamos aqui a lista dos fascículos em nosso poder:

I Volume. (De 10 de Agosto de 1941 a 4 de Janeiro de 1942)

N.º 5 — Raimundo Corrêa (14-9-1941).
 N.º 7 — Machado de Assis (28-8-1941).
 N.º 8 — Francisco de Castro (3-10-1941).
 N.º 9 — Castimiro de Abreu (12-10-1941).
 N.º 10 — Artur Azevedo (18-10-1941).
 N.º 11 — Araripe Júnior, Joaquim Serra e Amadeu Amaral (26-10-1941).
 N.º 13 — Gonçalves Dias (9-11-1941).
 N.º 14 — Marília de Dirceu e Francisca Julia (16-11-1941).
 N.º 15 — Raul de Leoni (23-11-1941).
 N.º 16 — Augusto dos Anjos (30-11-1941).
 N.º 17 — Humberto de Campos (7-12-1941).
 N.º 18 — Salvador de Mendonça (14-12-1941).
 N.º 19 — Raul Pompeia (21-12-1941).
 N.º 20 — Olavo Bilac (28-12-1941).
 N.º 21 — Índice do primeiro volume (4-1-1942).

II Volume. (De 11 de Janeiro a 26 de Junho de 1942).

N.º 1 — José de Alencar (11-1-1942).
 N.º 2 — Mário de Alencar (18-1-1942).
 N.º 3 — Franklin Tavares (25-1-1942).
 N.º 4 — Joaquim Nabuco I (1-2-1942).
 N.º 6 — Carnaval (15-2-1942).
 N.º 7 — Stefan Zweig (1-3-1942).
 N.º 8 — Alberto de Oliveira (8-3-1942).
 N.º 9 — Castro Meireles (15-3-1942).
 N.º 11 — Aluísio Azevedo (15-9-1942).
 N.º 12 — Visconde de Taunay (12-4-1942).
 N.º 13 — Joaquim Manoel de Macedo (26-4-1942).
 N.º 14 — Antero de Quental I (3-5-1942).
 N.º 15 — Antero de Quental II (10-5-1942).
 N.º 16 — Luiz Dellino (17-5-1942).
 N.º 17 — José Veríssimo (31-5-1942).
 N.º 18 — Ronald de Carvalho (7-6-1942).
 N.º 19 — Afonso Arinos (14-6-1942).
 N.º 20 Índice do segundo volume (28-6-1942).

III Volume. (De 5 de Julho a 27 de Dezembro de 1942).

N.º 1 — Ruy Barbosa (5-7-1942).
 N.º 2 — João Ribeiro (12-7-1942).
 N.º 3 — Barbosa Rodrigues (19-7-1942).
 N.º 4 — Vicente de Carvalho (2-8-1942).
 N.º 5 — Euclides da Cunha I (15-8-1942).
 N.º 7 — Euclides da Cunha II (23-8-1942).
 N.º 7 — O Brasil na Guerra (13-9-1942).
 N.º 8 — Coelho Alves (13-9-1942).
 N.º 10 — Celso de Magalhães (4-10-1942).
 N.º 11 — Cruz e Souza (11-10-1942).
 N.º 12 — B. Lopes (18-10-1942).
 N.º 13 — Alphonse de Guimaraes (1-11-1942).
 N.º 14 — Alphonse de Guimaraes (8-11-1942).
 N.º 15 — Gonzaga Duque (15-11-1942).
 N.º 16 — Mário Pedreira (22-11-1942).

IV Volume. (De 3 de Janeiro a 27 de Junho de 1943).

N.º 5 — Capistrano de Abreu (6-2-1944).
 N.º 8 — Eduardo Prado (13-2-1944).
 N.º 9 — Rocha Pombo (5-3-1944).
 N.º 9 — Oliveira Lima (12-3-1944).
 N.º 10 — Alfredo de Carvalho (19-3-1944).
 N.º 11 — Barbosa Lima (1-4-1944).
 N.º 12 — Pandiá Calógeras (8-4-1944).
 N.º 13 — João Ribeiro (18-4-1944).
 N.º 14 — Tobias Barreto (23-4-1944).
 N.º 15 — Silvio Romero (7-5-1944).
 N.º 17 — Souza Bandeira (21-5-1944).
 N.º 18 — Arthur Orlando (14-6-1944).
 N.º 19 — Anatole France (11-6-1944).
 N.º 20 — Índice do sexto volume (23-6-1944).

VII Volume. (De 9 de Julho de 1944 a 7 de Janeiro de 1945).

N.º 1 — Araripe Júnior (9-7-1944).
 N.º 3 — Lafayette Rodrigues Ferreira (23-7-1944).
 N.º 5 — Laurindo Leão (6-8-1944).
 N.º 6 — Fárias Brito (13-8-1944).
 N.º 7 — Tomaz Antônio Gonçaga (28-8-1944).
 N.º 8 — Poetas Bisséxtos I (3-9-1944).
 N.º 9 — Poetas Bisséxtos II (10-9-1944).

N.º 1 — Artur de Jacobini (14-7-1943).
 N.º 2 — Junqueira Freire (11-7-1943).
 N.º 3 — Luiz Guimarães Júnior (18-7-1943).
 N.º 4 — Gonçalves de Magalhães (1-8-1943).
 N.º 5 — Dutra e Melo (8-8-1943).
 N.º 6 — Porto Alegre (15-8-1943).
 N.º 7 — Francisco Oliviano (22-8-1943).
 N.º 8 — Pedro Luiz (15-9-1943).
 N.º 10 — Apolinário Porto Alegre (17-9-1944).
 N.º 12 — José Carlos Rodrigues (15-10-1944).
 N.º 13 — Pereira da Silva (15-0-1944).
 N.º 15 — Guimarães Passos (15-11-1944).
 N.º 16 — Lindolfo Esteves (12-11-1944).
 N.º 17 — João Julio dos Santos (19-11-1944).
 N.º 18 — Rainhundo Corren (15-12-1944).
 N.º 19 — Carmen Cintra, Vera Maria, Candido Mariano (10-12-1944).
 N.º 20 — Verlaine (19-12-1944).
 N.º 21 — Índice do sétimo volume (7-1-1945).

VIII Volume. (De 14 de Janeiro a 11 de Março de 1945).

N.º 1 — Antônio de Moraes Silva (14-1-1945).
 N.º 2 — Carneiro Ribeiro (21-1-1945).
 N.º 3 — Ruy Barbosa (4-2-1945).
 N.º 4 — Pacheco Junior (18-2-1945).
 N.º 5 — Heráclito Graça (4-3-1945).
 N.º 6 — Deodoro Tavares (11-3-1945).

N.º 3 — João Francisco Lisbon (16-1-1944).
 N.º 4 — Rui Branco (21-1-1944).
 Aqui termina a primeira fase de AUTORES E LIVROS.

Açúcar Perola

BRAZIL HERALD

O maior jornal brasileiro em língua inglesa.
 TELEGRAMAS DE TODOS OS PAÍSES DO MUNDO
 NOTICÁRIO DESPORTIVO — SUPLEMENTO —
 CÂMBIATURAS — PARTE FINANCEIRA
 Rum Mexico, 31, saiu 1141
 Rio de Janeiro

(Cont. na página 52)

III

"O CORVO" DE POE

Tradução de FONTOURA XAVIER
Ao Conde de Alfonso Celso

Uma vez, no hótel da mata noite, quando eu meditava sobre a velha fábula, comecei a ouvir as suas páginas, ouvi o ruído como de alguma que batia, batia à porta do meu quarto. "É talvez uma visita, murmurou; é talvez um visitante tardio que bate à porta do meu quarto, é isso e nada mais!"

Abri. Lembrava imediatamente: era pelas noites de Dezembro, e cada braço de fogo abalava o seu último ralo de alegria. Eu abriu a arca dos livres um alívio para a minha saudade, e sondava da minha memória: recordava aquela que os amigos chamam Leonor e que na terra nascem mais há de chamar, nunca mais!..

E a voz e fero condizência das cordas penetrava todo o meu ser, encantado de uma terceira fantasia que eu até então desconhecia. Era uma voz que me informava que meu coração em repouso conhece meus: "É talvez uma visita que desloca entrar à porta do meu quarto; é talvez um visitante tardio que desloca entrar à porta do meu quarto, é isso e nada mais!"

E assim, sentido-me animado, não hesitei por mais tempo: "Senhor, ou Senhora, disse, querer quer que seja, poe-poe sua mes perdois; mas é fato é que eu sourta quase adormecido; e depois batidas tão desse-mento, tão documente, viessem bater à porta do meu quarto, que eu apre-nho pode convencêrme que tinhos ouvidio..." E abriu-se subitamente.

Percebendo ansiosamente essas travas, sem-me tomado de aco-bro, fez de arremesso, imaginando nomes que deixam mortal Jameson ouvindo esse nome, mas que só podia ser Leonor, e a sua imobilidade foi ainda acentuada por uma pausa. "Leonor! Era eu que a maturamente, e o seu anel furto repetiu assim: "LEONOR". Só isso e nada mais!

Voltando ao meu quarto, e sentindo-me triste, comecei a pensar como um círculo na alma, ouvi de novo o ruído, um ruído mais forte que o pri-mérito. "Naturalmente, pensei, há alguma coisa estranha, mas que se velhamento e que seja, desdossendos o mistério: desse o coração seduzido se um instante e desvendou esse mistério: é o vento e nada mais!" Mas, abrindo-se subitamente, veio entrar um soberbo rosto digno das eras primitivas. Seu faser a menor reverência, sem que sequer lhe percebesse estranho o lugar onde entrara, ele não hesitou um instante, mas com o ar majestoso de um nobre, pousou tranquilamente sobre a porta do meu quarto, pousou sobre um busto de Pallas que fica sobre a porta do meu quarto, pousou, recobriu as rias e nada mais.

Então, esta era agradável, mas só pela severidade do seu aspecto ou pelo gotejamento de doce, indiscutivelmente a triste imaginação a sorri: "Se bem que sejas calvo, disse, e casavas a calva despidas de penas: belicos, in não é decerio um villa... O fugiu... velha corvo, vi-jaiente apontou de profunda noite de Averno!... Dize-me qual é o teu nome senhorial nas profundas noites plutoianas?" E o corvo respondeu: "Nunca mais!"

Asombrou-me que esse desgarrado plumífero tivesse tão facilmente entendido a minha pergunta; com qualas a sua resposta não fôrte in-teligivelmente satisfatória, poi devemos convir que Jamais foi dado a um homem, nem a um animal, nem a um animal pousado sobre a porta de seu quarto, e dizer-lhe: "Nunca mais!"

Mas o corvo, pousado tranquilamente sobre o busto esculpido à sua alma: não pronunciou nada mais e com isso teve movido uma pena até que se maturamente como mesmo: "Em cheio de dor, a manha ele também me deixara como me deixaram as minhas velhas esperanças: outros amigos foram-se assim como ele..." E o corvo respondeu: "Nunca mais!"

Reconheciendo com a sua resposta tispo a propulsão supôs que era essa sem dúvida indecisa sua bagagem literária que ele apreendera, quem sabe! e com tristes, que as suas amigas não eram mais que este único extralito... que o "de profunda" de que se tratava não era mais que este melancólico entrelilho: "Jamais, nunca mais!"

Mas o corvo, induzido pelo meu triste espírito a sorrir, fitou-me, chegar a poltrona para mais junto do busto, onde recidado sobre o espaldar de vidrado eu me esfregava por concatenar as minhas idéias, procurando o que queria dizer essa agressiva ave das antigas eras... procurando o

José Vieira

A 8 do corrente perdemos o Bra-til outro dos seus valores espirituais mais expressivos: José Vieira, Filho da Parába, an-dara sé desde muito arrastado para vários lugares, no áspero g-a-n-h-o-p-s-o da sua vida. Formou-se em direito, foi funcio-nário público e jornalista. Mas foi sempre, e sobretudo, um modelar escritor. Sua obra abrange vários domínios — o romance, o conto, o ensaio, a crônica de viagem, o estudo biográfico. De suas várias ma-nifestações, porém, a mais mar-cante, é a do romancista, gênero em que deixou realizações excelentes, como, por exemplo, o Livro de Fida e o Espelho de Casados.

José Vieira era diretor da Se-cretaria do Cutete e oficial maior da Secretaria da Academia Brasileira de Letras. Tinha 67 anos de idade.

que queria dizer essa agressiva, triste e sinistra ave das antigas eras, grunhindo e que — "Nunca mais!"

E conservo-me assim por algum tempo pensando, mas já sou me dirigir mais à ave, cujos olhos ardentes parecia agora que me qualimava a alma: poi era amaldiçoado que em me esforçava por compreendê-la, e a sua resposta sóbria o reluto de politona que a luz da lâmpada acuidava, e que veio de cima: "Nunca mais!"

E este afiuguei-me, apavorado por um turbilho invisível, agitado por anjos, cujos passos em imagens separam a tapete: "Desgracado! maturamente, o teu Deus levou-te para sempre, deixando a tua lembrança como tormento da tua saudade, de-te-tem-te desdenhe nessa senda e esquece de uma vez a tua morta Leonor..." E o corvo respondeu: "Nunca mais!"

"Profeta! profecia de desgraça, ave ou demônio, mas sempre profetiz! poi este é desdendido sobre as nossas cabeças, por esse Deus que nos homens adoram, disse a si mesma a mártiga carregada de amarres: "Ela que te proverá: veio da minha alma solidão inviolável, deixa esse busto de cima da minha poltrona, e quando o seu bico que me difin-cre a alma, e val-te, espírito intolente, para sempre longe de mim!..." E o corvo respondeu: "Nunca mais!"

"Ave ou demônio! que essas palavras sejam o ateu eterno da noite separando. Valde na tempestade, torna de novo à mais profunda noite de vida! Nada deixas uma unica pena negra como lembrança, de mentira que te proverá: veio da minha alma solidão inviolável, deixa esse busto de cima da minha poltrona, e quando o seu bico que me difin-cre a alma, e val-te, espírito intolente, para sempre longe de mim!..." E o corvo respondeu: "Nunca mais!"

E o corvo limôvel, está sempre pousando, sempre pousada sobre o busto plácido de Pallas, esculpido sobre a porta do meu quarto; os seus olhos só como os olhos de um demônio que sonha: a luz da lâmpada entorpecendo-se sobre ele, projeta a sua sombra negra sobre o pavimento; e fora dessa sombra negra que gira flutuante sobre o pavimento, a minha alma Jamais se poderá elevar, nunca mais!

Baltimore, 1937.
(Opinião) — 4.ª edição — pág. 186-86.

A VIDA DOS LIVROS

(Cont. da página 48) remissão de um pobre Brasil que se vai conformando com a humildade, com a vergonha, com o vilipêndio.

LIVROS RECEBIDOS:

— Azevedo, Raúl de. — Louras da Sôa, Morenas da Noro. (Romance). Editora Pontejo. Rio de Janeiro. 1947. 252 págs.

— Carvalho Filho. — Face Oscura. (poesias). Ilustrações de Olivaldo Goeldi. Edições Confite. Tipografia Naval. S. Salvador, Bahia. 1947. 258 págs.

— Castelo Branco, Crisóstomo. — Homens que Iluminam. (Ensaios). Gráfica Editores Aurora. Ltda. Rio. 1946. 190 págs.

— Castro, Josué de. — Fatores de Localização de Cidade do Recife. Imprensa Nacional. 1948. 84 págs.

— Faria, Otávio de. — Os Renegados (I - Leda das Ruas II) (Romance). Tragédia Burguesa V. Capa de Santa Rosa. Livraria José Olympio, editora Rua do Ouvidor, 110. Rio de Janeiro. 1947. 589 páginas.

— Jodo Luso. — Fruta de Tempo. (Contos). Editora A Noite. Rio. 1945. 215 páginas.

— Lajos, Zilahy. — Dos Prisioneiros. Tradução de Jorge Videla II. Capa de E. Nicola. Empresa Editora Zig-Zag. S. A. Santiago de Chile. 1945. 501 páginas.

— Levy, Santos. — Sentimentos. (Poesias). Editora Pontejo. Rio. 1947. 86 págs.

(Conf. na página 52)

PETIFICAÇÃO AO NUMERO ANTERIOR

Na informação referente a Silveira Carvalho, publicada em nosso número anterior (página 36) há uma retificação a fazer: o poeta pernambucano não faleceu em Porto Alegre, como ali dizíamos, porém em Recife.

O trôeo corvo, do passado vindo,
Grazava tão somente: "Nunca mais!"

No enigma eu atentava, e no entretanto
Nada dizia ao pássaro agoureado.
Cujos olhos de fogo ardiam tanto
Dentro em meu coração: por deradeiro,
A cabeça descanso donde chorar
A lampião seus brilhos siderais,
Neste roxo veludo onde Lenora
Não há de reclinar-se nunca mais!

Cuidai que se tornava e ar majo denso,
E que uns anjos, roçando meu tapete,
Turificavam mistério incenso.
"Desgracado!" exclamei, "como um jogaste,
Teu Deus te há enviado ao sofrimento;
Sente saudades meus lagrimas
Dessa Lenora! Bebe o esquimento!"
"Nunca" responde o corvo: "Nunca mais!"

"Mudo profeta! reprobo!" lh'eu disse:
"Ave ou demônio! quer tentado foras,
Quer uma tempestade te cuspirre,
Sosinha, mas intrípido, a deschorar,
Sobre a terra maldita, lar do pranto,
Dize, dize-me em frases naturais;
Neste mundo haverá balsamo santo?"
"Nunca" responde o corvo, "Nunca mais!"

"Mudo profeta! reprobo". lh'eu disse:
"Ave ou demônio! pelo céu que olhamos,
Curvado sobre a terra com meigulice,
E por esse Deus que ambos nós amamos,
Dize-me si minha alma pesarosa
Se há de unir lá nos talamos astrais
A' rara e pura virgem radicosa
Que se chama Lenora?" — "Nunca mais!"

"Seja o seu dito o signo da partida,
Ave ou demônio?" seguiu brado:

"Volta para o tormento da outra vida!
Siquer me deixes negra pluma no lado
Por testemunho de teu dito horrendo!
Deixa-me, e sai do busto e dos umbrais
Tira-me as garras com que estão comando
Meu coração desfeito!" — "Nunca mais!"

Calado, o corvo solitariamente
Sobre o busto de Pallas permanece;
Dum demônio que sonha, o olhar se sente.
E a luz da lampião que resplandece
Ante ele, sobre o pavimento lança
Sombras, de cujas ondas sepulcrais
Minh'alma em sua mór desesperança
Não só de levantar-se nunca mais!

(Pecuário)

"O CORVO"

(Tradução de Americo Lobo)

[V. 2.2.2.2]

Aos de inmemoria eras parecido;
Nem me saudou sique, ante mim posto.
Porém com ar e tons senhorias,
No alto busto de Pallas sobreposto
A' porta, empoleirou-se, e nada mais.

Aquel aspecto e austera compostura.
Um rijo me baixou no pensamento;
Disse mais distraido à ave escura:
"Sem crista, embora, feio a inclemencia,
Não é covarde, oh corvo vagabundo,
Que fugiste das sombras infernais;
Disse, como te chamas noutro mundo?"
"Nunca" responde o corvo; "Nunca mais".

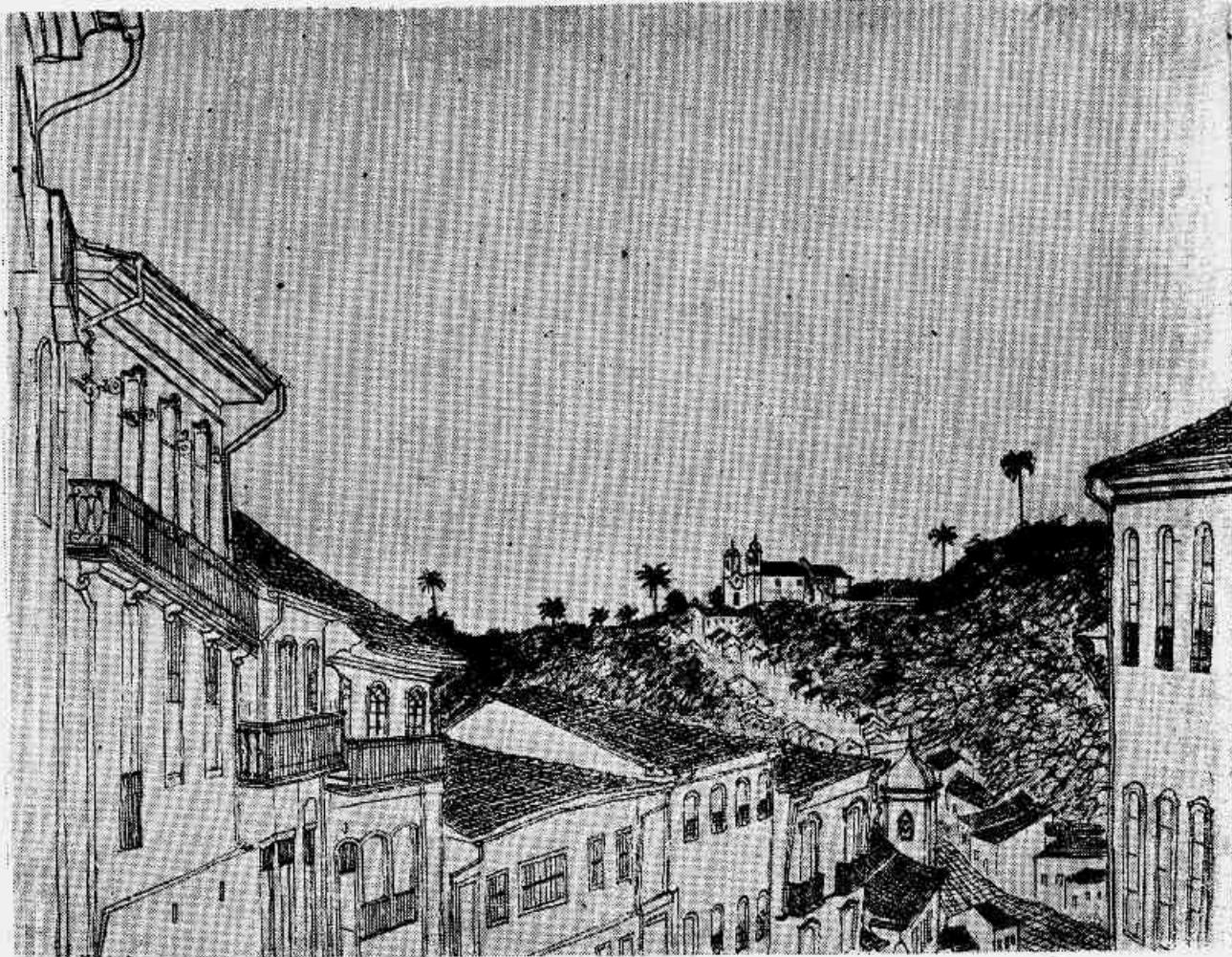
Maravilhou-me ussá ter entendido
Minha linguagem o pássaro imperfeito.
Ainda que me houvesse respondido
De modo obscuro sem nem um concilio;
Parece incrivel que sob seu telhado
Veja o vivente em clima dos umbrais.
Sobre marinheiros busto empoleirado,
Pássaro que se chame "Nunca mais!"

Porém o corvo solitário, fito
Sobre o busto de Pallas mais não disse
— Penas imóveis — com si num dito
S'a'alma em fuga para além saisse.
"De amizos," murmurou, "guardo lembranças
Moros te cedoi! Aos raios malinhas
Este me deixa como as esperanças
Doutrota!" Disse o corvo "Nunca mais".

Extremeci ouvindo a frase d'ouro
Resar no silêncio, apés falando:
"Talvez o que éis dis seja um tesouro
Colhido dalgum mestre miserando,
A quem sem trégua perseguissa a sorte,
Até que de seus hinos festaias
Se ficasse por canticos de morte
Da esperança. Este moto: "Nunca mais".

Novo sorriso me baixou à mente:
E rodando a poltrona acolchoada,
Sobre o veludo me sentei, em frente
D'ave, do busto e do portal d'entrada,
Comigo só pensando e refletindo
No mistério com que a deshoras talis

Album de Guignard



N. 3 — Ouro Preto — Bairro de Antonio Dias

O REAPARECIMENTO DE AUTORES E LIVROS

Carta a Mário Leão

São Paulo, 26 de Junho de 1948.

Meu caro Mário Leão:

Alguns amigos meus procuraram, nas bancas e livrarias, o primeiro fascículo de "Autores e Livros" e não encontraram um exemplar sequer.

Que foi isso? Ou você não mandou fazer a remessa para aqui, ou os poucos exemplares que vieram já desapareceram.

Em qualquer hipótese, devo comunicar-lhe o fato, para seu governo, dado o interesse com que acompanho "Autores e Livros" publicado agora como revista independente e especializada.

Já lhe falei sobre a oportunidade de sua feliz iniciativa. Quero apenas dizer-lhe agora que, no meu entender, você vai prestar às nossas letras um extraordinário serviço, superando mesmo o que já fizera no tempo em que essa publicação, planejada segundo um sistema inteiramente seu, foi, na verdade, o primeiro suplemento a aparecer entre nós.

"Autores e Livros", já em sua fase inicial, se distinguiu de todas as publicações pela

PREÇO DAS NOSSAS COLEÇÕES

Informamos aos Srs. colecionadores que, devido à grande valorização que tiveram as coleções de "Autores e Livros", as quais atingem nos preços de sete a dez mil cruzeiros, o valor de cada fascículo será proporcional ao preço pelo qual vendemos uma coleção completa encadernada. Cr\$ 7.500,00.

sua feição própria, inconfundível, colocando a nossa história literária ao alcance de todos. Você dará ao público, semanalmente, verdadeiras antologias em cada fascículo. Coisa que jamais teríamos conseguido, não fosse a sua invenção.

Lembro-me de admitir ável papel que lhe coube, em nosso jornalismo literário, e ainda como principal fator do êxito d'"A Manhã" na fase em que esteve sob a minha direção. Com secreto orgulho sempre recordo disso, pois muito aprirei com você; e, ainda hoje, toda vez que preciso informar o meu espírito — como ocorreu recentemente no caso da conferência que pronunciei na Academia sobre Luis Guimarães — recorro ao seu magnífico trabalho, cuja coleção completa conservo com todo o carinho.

Em sua nova fase, novas trunfos lhe estão assegurados, por que você apresenta mais

uma excelente contribuição para o estudo e o conhecimento de nossas letras a coincidir com um momento da fecunda curiosidade pelas manifestações de cultura e da sensibilidade nacionais.

Com estes votos, envio-lhe — meu caro Mário — o meu cumprido abraço de felicitações e aqui fico às suas ordens para alguma coisa em que lhe possa ser útil.

Afetuosamente, e com a admiração de sempre.
(as.) Camiliano Ricardo.

A VIDA DOS LIVROS

(Cont. da página 51)

— Poppe de Figueiredo (Ten. Cel.) — A Instrução Militar Moderna (publicação autorizada pelo Estado Maior do Exército). Instituto Progresso Editorial. S. A. (IPE). São Paulo. 1947. 216 páginas.

— Rebello Gonçalves. — As Humanidades Clássicas à Universidade de Coimbra Coimbra. 1947. 34 páginas.

— Rodrigues Miguéis, José — Onde a Noite acaba. (Contos). Coleção Clássicos e Contemporâneos. dirigida por Jaime Cortesão. Edições Dois Mundos. Rio. Lisboa. 1948. 231 páginas.

— Seraine. Florival. — Através da Literatura Cearense. (Crítica). Edições ESTUDOS. Fortaleza, Ceará. 1948. 117 páginas.

— Verlaine. Paul. — Poemas Escotilhas. Edição Comemorativa do Centenário. Seleções, estudos, notas e apêndices por Onestálio de Pennafort. Livraria do Globo. Porto Alegre. 1943. 249 páginas.

— Verlaine. Paul. — Poemas Escotilhas. Edição Comemorativa do Centenário. Seleções, estudos, notas e apêndices por Onestálio de Pennafort. Livraria do Globo. Porto Alegre. 1943. 249 páginas.

OS PADRES E OS INDIOS

(Continuação da pág. 43) ra que, se for necessário, ajudem com elas aos Portugueses por seu resgate, como é verdade, que muitos Portugueses comentam das aldrás, por onde se pode dizer, que os Padres da Companhia são pais dos índios assim das almas como dos corpos.

(Primeros aldeamentos na Bahia — S. D. do M. E. S., 1946).

OS PESCADORES

(Cont. da página 50)

Mas o Antônio Adriano, velho pescador e meu amigo, pensava:

— Pode que seja um bicho do mar...

O Cipriano, porém, apenas sabe que é a Bernuncia e que ela deve obedecer:

Senhora d. Bernuncia,
Faça a sua obrigação,
Venga dançar sem demora
No meio d'este salão.

E a brincadeira terminou: Mateus recolhe os óculos amarrados

— O que quiser... qualquer coisa chega... qualquer coisa...

— V. dançou muito bem, Doce... E' o melhor Mateus que eu já vi aqui em Coqueiros...

— Obrigado... A gente faz o que pode...

E o Doce mostrava uns dentes ríos, cravados em gengivas duras.

O suor dava-lhe no rosto uns tons lúpidos de bronze molhado e o torso, largo e muscular, parecia maior sob as tiras horizontais de papel franjado.

* * *

Morreu como os outros pescadores: regumando água de ventre, conformado no seu heroísmo, sobre farrapos encardidos e entre crianças que ainda não compreendem a sua fome.

O destino lhe fez uma única concessão: não o afogou no mar deixou que o Doce morresse em casa, na sua enverga de pântano esgotado por uma lenta e funda nagonia.

Melhor assim: o Doce ao menos não foi roido pelos peixes ou o seu corpo se não espatifou, como o do Constantino, de encontro à ponta das pedras, em qualquer costão onde o mar está enfurecido.

— Sim. Foi repousar ao pé do cruzeiro, louvado seja.

— Sabe-se onde ele está e é da gente!

* * *

Todos os pescadores pensam da mesma forma:

— Voltou para a terra, senhor. Antes a cova que andar, voltar, sórte as águas, arrastado no vento! Credo!

Conheci muitos pescadores. Alguns morreram no mar; outros nos seus ranchos úmidos, onde lutava a luz e sobrava a miséria.

Nunca me hei de esquecer do João Flores ou do Lourenço Carpes... Eram meus amigos... A ambos levei-os ao cemitério. Mas, não sei porque, o Doce me comoveu mais do que todos os outros!...